

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE LETRAS E ARTES  
ESCOLA DE BELAS ARTES  
COMUNICAÇÃO VISUAL DESIGN

Larissa Janelli da Costa

**DAQUI:** proposta de ocupação cultural itinerante pelos subúrbios cariocas

Rio de Janeiro

2020

Larissa Janelli da Costa

**DAQUI:** proposta de ocupação cultural itinerante pelos subúrbios cariocas

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em  
Comunicação Visual Design da Escola de Belas Artes da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientação: Raquel Ponte.

Rio de Janeiro

2020

Este trabalho é dedicado a todos aqueles que sempre me incentivaram a encerrar este ciclo e não me deixaram desistir no meio do caminho.

## AGRADECIMENTOS

A gente tem que começar a escrever alguma hora, né? Então, como tudo na vida, vamos começar agradecendo.

Primeiramente, eu agradeço ao meu papai e à minha mamãe do céu, que me protegem e me guiam no meu caminho e nas encruzilhadas, que me dão forças para vencer as demandas e me acompanham sempre aonde quer que eu vá. E aos meus pais terrenos, Márcia e César, por darem continuidade a essa missão em Terra com todo seu afago, suporte e amor incondicional. Obrigada por serem meu colo e meu alicerce.

Também devo agradecer aos meus irmãos, Glauca e Bruno, e à minha família como um todo pelo suporte ao longo dessa trajetória. Obrigada por nunca desistirem de mim, por apoiarem em [quase] todos os meus sonhos, e, principalmente, por relevarem tanta coisa nesse período de grande estresse.

Contudo, falando sobre o desenvolvimento do meu TCC mesmo, eu tenho um bocado de gente pra agradecer. Porém, antes de citar qualquer outra pessoa, eu devo agradecer ao meu grande amigo, parceiro e referência, Phillipe Lopes (Pêagá) – o Exu que eu tive a honra de conhecer em vida. Se esse trabalho saiu de meras ideias mirabolantes e tomou forma em guardanapos, foi graças às nossas longas conversas e orientações informais nos botecos das esquinas desse Rio de Janeiro (assim como eu tenho um agradecimento especial a todos os garçons que não deixaram faltar cerveja gelada na nossa mesa cheia de papéis).

Agradeço muito também aos meus amigos Caroline Belo, Luana Christoffel, Sarah Rodrigues, Marcela Werneck, Pedro Pires, Lucas Nonno, Leticia Moraes, Zeilane Fernandes – joias do (R) Existência, o evento que deu origem a esse projeto – e aos meus outros grandes amigos Dany Caetano, Andressa Lobo, Yuri Guerreiro, Igor Eu, Renata Esperança, Gabriel Moreira, Anna Beatriz Accioly, Elizabeth Lopes, Elson Teixeira, Katherine Sério, Marcos Lopes, Clarissa Duarte e William Rabello – grandes designers e crias dos subúrbios que me apoiaram e dividiram comigo tantas etapas desde o início desse projeto. Assim como o pessoal do meu trabalho, em especial aos colegas Caio Brandão, Julia Yamamoto, Nathália Rocha, Olavo Albergaria, Vitor Araújo (e à sua namorada Barbara Ohana também), Tamyris Kortschinski e Victor Fonseca, que não já não aguentam mais eu reclamando da faculdade nos happy hours; aos meus chefes Raphael Aleixo e André Pernambuco pelo grande apoio e incentivo; e a equipe de Infra, por garantir a minha máquina potente com Pacote Office e Adobe – essenciais pra execução deste TCC.

Também agradeço a Tati, ao Yuri, ao Marquinhos e ao grande colega Pericão, do Oi Kabum! Lab.IA, por me incentivarem a experimentar novas formas de me expressar, ouvir e – sobretudo – me perceber enquanto artista durante a minha breve passagem pelos laboratórios. Foi lá que fui apresentada a tantas referências de artistas e produtores das periferias, com narrativas parecidas com as minhas, e fui instigada a trazer em pauta as minhas provocações iniciais sobre cultura e territorialidade.

E, apesar de esse ser um trabalho sobre os subúrbios da minha cidade, eu tenho muito a agradecer também ao movimento estudantil de design e a grandes amigos interestaduais que fiz pelo país. Agradeço em especial a Matheus Bezerra, dos subúrbios soteropolitanos, por todas as longas chamadas de vídeo me ajudando a organizar as ideias confusas; a Gabriel Lopes, conhecido também como designer mais lindo de Itaquera e região, por todos os papos e materiais compartilhado sobre a produção cultural das periferias; a Jaqueline Damazio, a mulher mais braba de Gravataí, por todo incentivo e fritações em longos áudios carregados de sotaques sobre o “UX do rolé”; ao Shu, o brasileiro mais carioca que eu já conheci; ao meu amigo do coração Viny B Oliver, de São Luís, por acolher todos os meus momentos de surto durante todo esse processo a quase 3.000 km de distância; e a tantos outros amigos queridos que, de longe, me apoiaram e incentivaram a cada vírgula dessa trajetória.

Por fim, agradeço às minhas amigas Aline Souza e Maiane Medeiros, minhas grandes parceiras desde o primeiro período de graduação, por todo apoio e preparo em tantas noites viradas fechando projeto juntas em véspera de entrega; às amigas Bianca Nonato e Paloma Oliveira, por tudo – absolutamente tudo – desde que nossos caminhos se entrelaçaram nos corredores da escola; às psicólogas Daise e Flavia, por todo suporte emocional nessa grande etapa; à grande Fê Negrão, pelo apoio na organização e motivação no meio da pandemia; e a minha querida orientadora Raquel Ponte, por todos os ensinamentos, orientação e parceria, mas – sobretudo – por acreditar em mim quando eu mesma não conseguia.

Ainda que nos últimos meses tenhamos passado por momento atípicos e tempos tão difíceis, perceber que sempre houveram tantos amigos ao meu lado – ainda que à distância – tornou tudo mais tolerável e possível. Obrigada a todo mundo que cruzou o meu caminho e que esteve ao meu lado durante essa jornada. Sem vocês, nada disso seria possível.

*Suburbano nato, com muito orgulho*  
*Mostro no sorriso nosso clima de subúrbio*  
Arlindo Cruz

## RESUMO

COSTA, Larissa J. **DAQUI: proposta de ocupação cultural itinerante pelos subúrbios cariocas.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Visual Design) – Escola de Belas Artes – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

Projeto de produção de evento que contempla a construção do projeto gráfico com criação de identidade visual, família tipográfica, peças de comunicação e criação de conteúdo para ações de divulgação. O caráter multidisciplinar do design é usado para subverter a lógica de deslocamento cultural da cidade em ocupação cultural itinerante que aborda a criação de redes entre artistas e produtores culturais pelos subúrbios cariocas. O objetivo é promover o reconhecimento de identidade territorial e da produção cultural local, ocupando o espaço público suburbano.

**Palavras-chave:** Subúrbio. Identidade. Pertencimento. Cultura. Cidade. Evento. Ocupação.

## ABSTRACT

COSTA, Larissa J. **DAQUI: proposal for a cultural itinerant occupation in the suburbs of Rio de Janeiro.** Completion of course work (Graduation in Visual Design Communication) - Rio de Janeiro, 2020.

Event production project that contemplates the construction of the project with creation of visual identity, creation of typographic family, graphic communication pieces and creation of content for marketing actions. The multidisciplinary nature of design is used to subvert the logic of cultural displacement of the city in an itinerant cultural occupation that addresses the creation of networks between artists and cultural producers in Rio's suburbs. The objective is to promote the recognition of territorial identity and local cultural production, occupying the suburban public space.

**Keywords:** Suburb. Identity. Belonging. Culture. City. Event. Occupation.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Registros da mostra Interferências <sup>3</sup> .....	21
Figura 2: Montagem com logos e fotografias de edições do Acarajazz e de ocupações promovidas pelo Leão Etíope do Méier .....	27
Figura 3: Mapeamento das regiões suburbanas das zonas Norte e Oeste do Rio de Janeiro .....	28
Figura 4: Anotações de Brainstorm.....	30
Figura 5: Captura de tela de resultado de pesquisa para o termo “ <i>daqui</i> ” .....	31
Figura 6: Esboços preliminares.....	32
Figura 7: Estrutura vetorial para as letras “D”, “A” e “U” .....	32
Figura 8: Cartazes Modernismo Funkeiro .....	33
Figura 9: Cartazes experimentais Madureira e Méier .....	33
Figura 10: Quadras dos GRES Império Serrano e Portela .....	34
Figura 11: Monumentos do Méier.....	34
Figura 12: Alfabeto Ilustrativo.....	35
Figura 13: Logotipo DAQUI .....	36
Figura 14: Área de não-interferência.....	36
Figura 15: Redução mínima.....	36
Figura 16: Colagem de Lambes no Méier .....	39
Figura 17: Perfil do Instagram .....	40
Figura 18: Publicação 01 .....	41
Figura 19: Publicação 02 .....	41
Figura 20: Publicação 04 .....	43
Figura 21: Publicação 05 .....	43
Figura 22: Publicação 06 .....	44
Figura 23: Publicação 07 .....	44
Figura 24: Publicação 08 .....	45
Figura 25: Publicação 09 .....	46
Figura 26: Publicação 10 .....	46
Figura 27: Publicação 11 .....	47
Figura 28: Publicação 12 .....	47
Figura 29: <i>Display</i> de publicações .....	48

Figura 30: Ilustração Madureira.....	49
Figura 31: Adesivo Méier.....	50
Figura 32: Adesivo Madureira.....	50
Figura 33: Adesivo DAQUI.....	51
Figura 34: Camisas Promocionais.....	51
Figura 35: Camisa Organização.....	52

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Escopo Inicial .....	25
Quadro 2: Escopo Refinado .....	27

## LISTA DE VÍDEOS

Vídeo 1: Publicação 03 - Teaser DAQUI.....	42
--	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BRT Bus Rapid Transit

COVID-19 Coronavirus Disease 2019

GRES Grêmio Recreativo Escola de Samba

LGBT Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

Lierj Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro

MAR Museu de Arte do Rio

OMS Organização Mundial da Saúde

P&B Preto e branco

TCC Trabalho de Conclusão de Curso

Uerj Universidade Estadual do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>Prefácio .....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>Introdução.....</b>	<b>17</b>
2.1	Conceitos de subúrbio e periferia .....	17
2.2	A formação dos subúrbios cariocas .....	17
2.3	O estereótipo do suburbano.....	18
2.4	O subúrbio atual.....	19
<b>3</b>	<b>Desenvolvimento da proposta.....</b>	<b>21</b>
3.1	Motivações .....	21
<b>3.1.1</b>	<b>Interferências<sup>3</sup> .....</b>	<b>21</b>
<b>3.1.2</b>	<b>Ninguém solta a mão de ninguém.....</b>	<b>22</b>
3.2	Definição da proposta .....	23
<b>3.2.1</b>	<b>Grupo focal .....</b>	<b>23</b>
3.3	Escopo inicial .....	25
3.4	Readequação da proposta.....	26
<b>3.4.1</b>	<b>Recorte geográfico .....</b>	<b>28</b>
<b>4</b>	<b>Desenvolvimento Visual.....</b>	<b>30</b>
4.1	Naming.....	30
4.2	Experimentações gráficas.....	32
4.3	Tipografia .....	35
4.4	Construção da Identidade Visual.....	35
<b>4.4.1</b>	<b>Logotipo .....</b>	<b>35</b>
<i>4.4.1.1</i>	<i>Arejamento .....</i>	<i>36</i>
<i>4.4.1.2</i>	<i>Dimensões mínimas .....</i>	<i>36</i>
<b>4.4.2</b>	<b>Manual de Identidade Visual .....</b>	<b>37</b>
<b>5</b>	<b>Comunicação.....</b>	<b>38</b>
5.1	Lambes .....	38
<b>5.2</b>	<b>Instagram do projeto .....</b>	<b>40</b>

<b>5.2.1</b>	<b>DAQUI do Méier.....</b>	<b>42</b>
5.3	Outras edições .....	49
<b>6</b>	<b>Peças Promocionais.....</b>	<b>50</b>
6.1	Adesivos.....	50
6.2	Camisas .....	51
<b>7</b>	<b>Conclusão .....</b>	<b>53</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>54</b>
	<b>ANEXO A – Samba do Meyer, João Nogueira .....</b>	<b>15</b>
	<b>ANEXO B – Meu Lugar, Arlindo Cruz .....</b>	<b>16</b>
	<b>APÊNDICE – Manual de Identidade Visual .....</b>	<b>16</b>





## 1 PREFÁCIO

Além dos aprendizados acadêmicos, muito da minha formação em design se deve também às vivências externas. A partir do contato direto com o mundo além da Universidade, através de ocupações, eventos e experiências cotidianas, surgiram em mim várias inquietações e provocações, sobretudo sobre a sociabilidade, territorialidade, cultura e identidade no pensar/fazer/viver Design. O quanto o nosso repertório de experiências sociais impacta na nossa formação? E quanto dessa discussão trazemos para a Academia em um currículo de graduação?

Colocar em folha a inquietação das minhas experiências enquanto ser (sub)urbano, constantemente buscando pertencimento e referências num mundo majoritariamente elitizado, foi força motriz para diversos projetos dos quais eu desenvolvi e me orgulho tanto. Quando chegou, enfim, o momento de escolha do tema para o trabalho de conclusão, foi essencial que eu pudesse pensar em um projeto que levasse em conta essas questões socioespaciais e os saberes populares, que mesmo sem nenhum grau acadêmico, foram meu alicerce para que eu pudesse ter o privilégio de ser parte da primeira geração da minha família com ensino superior.

Diante disso, busquei fazer um recorte geográfico e contemplar um público, ainda que carregado de estereótipos e preconceitos sociais, é parte fundamental da construção da cidade e da identidade carioca. Os subúrbios do Rio de Janeiro são espaços estratégicos para novas políticas urbanas e, com isso, tento construir uma proposta para que a cidade possa ser vista como um espaço democrático que agregue diversidades, dando voz aos moradores dos subúrbios cariocas, que – na maioria das vezes – contestam a forma depreciativa que os bairros suburbanos são retratados na mídia.

Inicialmente, entrar em contato com esse público e discutir essas ideias iniciais de projeto foi um processo bastante prazeroso, sendo também um processo de resgate da minha própria identidade e pertencimento. Contudo, quando estava com o primeiro escopo do projeto definido e bem próxima de partir para a execução, a pandemia do COVID-19 nos obrigou a repensar as nossas sociabilidades como uma medida de saúde pública. Consequentemente, foi necessário que o projeto e seu desenvolvimento precisassem passar por adaptações para atender as exigências do “novo normal”.

Esta monografia aborda, portanto, estudos sobre uma breve história cultural dos subúrbios cariocas, tal como suas identidades e sociabilidades, buscando explorar alternativas para a recuperação dessas características num contexto pós-pandemia.



## 2 INTRODUÇÃO

### 2.1 CONCEITOS DE SUBÚRBIO E PERIFERIA

A ideia de periferia e subúrbio – termos muitas vezes utilizados para se referir de maneira pejorativa a um território em oposição a um centro urbano – foi tão banalizada a ponto de, com o passar do tempo, dificultar a definição clara desses dois conceitos.

O geógrafo Álvaro Domingues (1995) conceitua a periferia pela dependência e subalternidade de habitante pendulares – isto é, cidadãos que realizam diariamente um movimento migratório em função do trabalho/estudo – às áreas urbanas centrais. Já o subúrbio, por sua vez, é definido por ele como uma variação dessa condição periférica, sendo contextualizada dentro de um modelo de urbanização de larga escala, como uma área afastada.

A identificação de um subúrbio, qualquer que ele seja independentemente do tempo ou do lugar, implica uma ideia de fragmentação do espaço urbano. A cidade compacta, de limites precisos, estilhaça-se num conjunto de fragmentos distintos onde os efeitos de coesão, de continuidade e de legibilidade urbanística, dão lugar a formações territoriais urbanas complexas, territorialmente descontínuas e ocupando territórios cada vez mais alargados. (DOMINGUES, 1995, p.6)

Segundo o autor, o processo de suburbanização é construído a partir de "uma dinâmica de crescimento extensivo das formações urbanas/metropolitanas na periferia geográfica de um centro motor do crescimento urbano e da regulação social". Essa marginalização geográfica, por conseguinte, torna-se o alicerce para que essa regulação social aconteça de maneira excludente, marginalizando também a população dessas localidades. Dessa forma, o centro passa a monopolizar o poder, recursos econômicos, políticos, culturais, dando ao subúrbio e à periferia um distanciamento geográfico e social.

### 2.2 A FORMAÇÃO DOS SUBÚRBIOS CARIOCAS

No caso específico do Rio de Janeiro, a formação dos subúrbios cariocas se dá com o processo de gentrificação da cidade, com as reformas urbanísticas propostas pelo prefeito Pereira Passos (1902-1906). O Rio de Janeiro precisava se "afrancesar" e para isso entendeu-se como necessário retirar as pessoas de pouco poder econômico e prestígio social que viviam em cortiços e imóveis antigos das áreas centrais da cidade para dar espaço para os prédios públicos e as avenidas inspiradas nas "boulevard" de Paris – o chamado "Bota Fora".

Paralelo a isso, a Revolução Industrial latente trazia para o Brasil a promessa de modernidade e novas formas de produção. Dentre elas, a formação de uma nova classe operária

para trabalhar nas fábricas e a implementação da malha ferroviária, que contribuiu para que os trabalhadores e suas famílias pudessem residir cada vez mais longe de seus serviços.

Então, com o propósito de retirar tal classe operária, de baixa renda, que ali vivia e não era estética nem financeiramente condizente com as promessas da Reforma Passos, foram criados os bairros denominados de subúrbio (sub-urbano), pois surgiam distante do centro econômico e cultural da urbe. Esses bairros nasceram afastados do centro, nas proximidades das linhas e estações ferroviárias.

O subúrbio do Rio de Janeiro nasceu, por regra, a partir de três grandes eixos ferroviários na segunda metade do século XIX. A antiga Estrada de Ferro Dom Pedro II (atual Central do Brasil) originou os bairros: Méier, Engenho de Dentro, Cascadura e Madureira. A Ferrovia Leopoldina (antiga Estrada de Ferro do Norte, que ligava o Rio de Janeiro a São Paulo) originou os bairros: Leopoldina, Brás de Pina, Bonsucesso, Olaria, Ramos. E a Linha Auxiliar (Estrada de Ferro Central do Brasil que interligava o Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais) deu origem aos bairros: Del Castilho, Jacarezinho, Pílares, Rocha Miranda e Barros Filho. (ABREU, 1987 apud MAIA e CHAO, 2016; p.155).

Além disso, o Poder Público favoreceu a migração para esses territórios “suburbanos” com o objetivo claro de adequar a região central e a zona sul às propostas de urbanização, controle de circulação e de uma nova forma de habitar. Esse controle foi concretizado por meio dos vários editais, regimentos, portarias e outras leis decretadas pelo prefeito. Por consequência, a população que ainda resistia aos cortiços e estalagens não teve escolha a não ser sair em busca de outros espaços para morar.

No Rio de Janeiro, o subúrbio carioca reproduz a estrutura de classe da própria cidade em seu conjunto, numa situação muito particular, mesmo não sendo espaços homogêneos, pois "ultrapassa a etimologia da palavra e o sentido geográfico do termo" e passa a se caracterizar como uma identidade, uma cultura e uma vida em busca de possibilidade de mudança. (OLIVEIRA, 2013; p.18).

### 2.3 O ESTEREÓTIPO DO SUBURBANO

Apesar de ser um termo geográfico para se referir a bairros afastados do Centro, no Rio de Janeiro o conceito do subúrbio tem outra conotação, estando ligada à ideia de bairros populares. Não se associa o termo subúrbio a territórios ocupados e identificados pela classe média-alta – a exemplo da Barra da Tijuca, Jacarepaguá, Tijuca, e outros bairros da Zona Sul também afastados do Centro.

Dessa forma, o subúrbio é comumente retratado com uma conotação discriminatória e pejorativa, sendo atribuída a uma condição de “desprestígio social”. Essa retração depreciativa é amplamente reforçada pela mídia em comédias como “Um Suburbano Sortudo” (SANTUCCI, 2016) e “Vai que cola”, sitcom brasileira produzida e exibida pelo canal Multishow desde 2013, com o universo expandindo em dois filmes e spin-offs.

No caso específico das comédias citadas, a construção da narrativa de ambas as obras é retratada como citado por Vasconcellos (1991), sendo reduzida “ao mundo do pequeno burguês, como todos os seus recalques, complexos, ressentimentos, frustrações, tabus, preconceitos e mania de autoafirmação, copiando mal os modelos da chamada Zona Sul do Rio de Janeiro.” (VASCONCELLOS, 1991, p. 20 apud MAIA e CHAO, 2016, p.160). Elas trazem como enredo a ridicularização da dicotomia cultural da cidade e reafirmando a segregação socioespacial pelo não-pertencimento dos personagens.

Predomina entre nós, em nossa linguagem, a ideia de um espaço subordinado e sem história, sem criação, sem cultura, carente de valores estéticos em seus homens e sua natureza – subúrbio é quase sempre feio e sem atrativos, ausente de participação política e cultural. No máximo, concede-se ao subúrbio o lugar de reprodução. (FERNANDES apud MATTOSO, 2018, p. 69)

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie afirma que as narrativas têm grande poder de dominação a partir de um conceito que ela chama de história única: “mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna”. Ela afirma também, que tais histórias também exercem relações de poder, no que diz respeito sobre quem as contam, como as contam e quantas são contadas. Dessa forma, sustentar apenas uma narrativa depreciativa faz parte da construção e manutenção de estereótipos sociais.

A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne uma única história. (ADICHIE, 2019, p.26.)

É inegável que os subúrbios cariocas possuem suas particularidades socioculturais. Contudo, estas particularidades também fazem parte da identidade dos moradores da cidade do Rio de Janeiro, contribuindo com referências culturais, religiosas e socioafetivas que ajudam a compor a história da cidade. Nas palavras da escritora, a construção de estereótipos “rouba a dignidade das pessoas”, enfatizando diferenças ao invés de semelhanças.

## 2.4 O SUBÚRBIO ATUAL

Apesar do conceito de subúrbio estar ligado a uma ideia de “dependência do centro”, no Rio de Janeiro os subúrbios são delimitados por um fator de identificação social, baseado na formação e sociabilidade desses territórios.

Domingues (1995) aponta que "hoje as realidades urbanas de grande dimensão são bastante mais complexas", não cabendo mais "um excessivo reducionismo do modelo territorial de crescimento urbano a uma dinâmica centro/periferia", por se tratar de "uma visão simplista

e redutora da complexidade da estrutura e da dinâmica urbana". Portanto, dentro do território suburbano é possível identificar polos comerciais e culturais independentes, como os sambistas João Nogueira e Arlindo Cruz afirmam nos versos de "Samba do Meyer" e de "Meu Lugar", respectivamente, retratando os territórios do Méier e Madureira.

O conceito de subúrbio como um anel residencial regulado pela dinâmica de um centro já não se ajusta a este conceito/processo feito de coalescências urbanas, organizado por eixos e onde o espaço relacional e o tempo, se sobrepuseram a uma ordem urbana anterior estruturada pela proximidade física, pela contiguidade do tecido construído, pela cidade compacta e pela oposição centro/periferia. (DOMINGUES, 1995, p.11.)

O subúrbio, então, deixa de ser um "anel homogêneo na periferia das grandes aglomerações" para ser transformado em territórios com atividades diversas – como shoppings, centros comerciais, teatros, entre outras ocupações que estruturam novas centralidades. A constante transição e crescimento desses espaços, sendo cada vez mais independentes das áreas centrais, afirma a necessidade de romper com a lógica de estar "à margem do urbano". Dessa forma, o subúrbio torna-se lugar estratégico para os novos processos de transformação urbana.

### **3 DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA**

#### **3.1 MOTIVAÇÕES**

##### **3.1.1 Interferências<sup>3</sup>**

Embora os subúrbios tenham se tornados independentes em certo sentido, muita das ofertas culturais são centradas em territórios gentrificados, a exemplo de festivais, museus e galerias de arte. Nesse sentido, é percebido certo desconforto dos indivíduos periféricos em frequentar esses espaços em função do não-pertencimento promovido por eles.

Essa questão foi percebida com a minha participação pessoal em eventos, ainda numa fase bastante embrionária, sem saber ao certo o que eu gostaria de propor enquanto projeto. O primeiro deles foi uma mostra do Interferências<sup>3</sup>, realizada no dia 16 de novembro de 2019, com performances e instalações de arte contemporânea produzidas por jovens das periferias no Laboratório de Intervenções Artísticas do Oi Kabum! Lab. Esta mostra contou com duas grandes ocupações no Largo do Machado, na Zona Sul, e na Praça Mauá, no Centro.

Na ocupação da Praça Mauá, onde estive presente, pude perceber um certo estranhamento das pessoas que estavam frequentando espaço em se deparar com o evento. Ainda que tais instalações tenham sido montadas entre dois grandes museus da cidade, o MAR – Museu de Arte do Rio e o Museu do Amanhã, num dia de sábado após um feriado nacional (ocasião em que esse espaço é majoritariamente frequentado por turistas e transeuntes em momentos de lazer), foi percebido um estranhamento em ver aqueles corpos biológicos não condizentes com a gentrificação da área ocupando aquele território. As pessoas entravam e saíam dos museus, mas passavam pelas instalações com certo distanciamento.

Nesta ocasião, durante uma conversa informal com os colegas artistas participantes do evento, fomos interrompidos por um fotógrafo transeunte que, sem nenhum respeito ou autorização, começou a fotografar retratos das pessoas com que eu falava. Durante essas fotos, foram feitos alguns comentários, de cunho principalmente racista, sobre a aparência dessas pessoas, sobre como ele achava “interessantíssimo ver pessoas tão exóticas” frequentando aquele espaço. Até que pedimos para que ele se retirasse.

Esse breve acontecimento foi um marco para definição do tema com o qual eu queria trabalhar em meu projeto: a marginalização da produção artística periférica.

Figura 1: Registros da mostra Interferências<sup>3</sup>



Fonte: Oi Kabum! (2019)

### 3.1.2 Ninguém solta a mão de ninguém

Logo que tive claro o tema que eu queria explorar na minha pesquisa, tive a feliz coincidência de saber que o meu colega do Oi Kabum!, Pericão, também integrante do projeto Conexão Favela & Arte, da Comunidade do Viradouro, havia sido convidado para participar de uma Mesa Redonda na Uerj sobre produção cultural nas periferias, promovido pelo Projeto “Ninguém Solta A Mão De Ninguém”, da Faculdade de Educação da Uerj.

Neste evento, estavam presentes: Ana Carolina Lacorte – Pedagoga, Escritora, Capoeirista e Produtora Cultural; Matheus Carvalho (Pericão) – do Conexão Favela & Arte; Noale Toja – do Oi Kabum Lab; Rodrigo Nunes – Produtor Cultural, Coordenador da Companhia de Aruanda e da Casa do Jongo; e Taís Espírito Santo – Escritora e Assessora Literária.

Durante essa Mesa, foram debatidas questões como a subversão de fluxo transitório em eventos centrados em território periférico; a ocupação dos espaços públicos; a criação redes educativas nas periferias; as dicotomias entre centro e periferia, conhecimento popular e conhecimento acadêmico e sobre as pontes que precisam ser construídas entre as Universidades e esses territórios. Nessa discussão, Pericão também trouxe uma abstração pertinente sobre os conceitos de centro e periferia para além do referencial geográfico, afirmando que a periferia também pode vista como centro – de produção, de experimentação e de diálogo.

Participar deste evento foi muito importante para definir pontos essenciais a serem abordados na minha proposta de projeto, principalmente sobre o impacto que essa pesquisa possa ter para além do ambiente acadêmico. Parafraseando uma das falas de Lacorte, para que essas pontes sejam construídas efetivamente, é necessário questionar, antes de tudo, o que está



sendo pesquisado, por que está sendo pesquisado e se essa pesquisa terá algum retorno para a comunidade, além do material acadêmico produzido.

### 3.2 DEFINIÇÃO DA PROPOSTA

Pensando nas questões sobre pertencimento e territorialidade levantadas durante as experiências nos eventos citados, foram levantados dois tópicos para reflexão: como “desmarginalizar” a visão da sociedade a respeito da produção artística periférica, respeitando suas vozes e vivências; e como fomentar a inclusão de jovens periféricos nos espaços de discussão artística. Contudo, essas duas questões apresentavam sérias problemáticas: a primeira sendo necessária uma desconstrução de preconceitos sociais já enraizados; e a segunda propondo uma adequação dos jovens em condição periférica para o pertencimento nesses espaços de preconceito.

Essas propostas, na prática, não passavam de mais uma medida de gentrificação social, buscando a validação de um grupo marginalizado sob uma ótica elitista. Por que, então, insistir neste pertencimento forçado?

#### 3.2.1 Grupo focal

Para validar a pertinência dessas questões, problemáticas atreladas e também levantar novas ideias, foi realizada uma conversa com um grupo focal, com jovens suburbanos com alguma relação com o universo artístico, no dia 07 de dezembro de 2019, na praça Agripino Grieco, no Méier.

Estiveram presentes: Yuri Guerreiro, 21 anos, estudante de Comunicação Visual Design e morador de Irajá; Gabriel Valença, 22 anos, estudante de Ciência da Computação, desenvolvedor e morador de Rocha Miranda; Gabriel Moreira, 26 anos, designer “micreiro” freelancer e artista visual e morador do Lins de Vasconcelos; Renata Esperança, 26 anos, estudante de Comunicação Visual Design, fotógrafa, mãe e moradora do Méier.

O objetivo principal era entender a relação entre os participantes com os espaços e eventos de discussão de arte. Nessa conversa, foi levantado e concordado por unanimidade que “o rolé de arte é muito elitista” e que essa elitização é um impeditivo para a inserção de pessoas de condições socioeconômicas menos favorecidas. Entre as frustrações citadas estão: a acessibilidade a esses locais, principalmente pela distância; e pelo não-pertencimento, por estar em ambientes com pessoas de realidade e vivências socioeconômicas nitidamente distintas. Outro ponto levantado que impacta na questão do não-pertencimento é, muitas vezes, a falta de

recursos desenvolver para trabalhos artísticos, impactando numa leitura não-profissional do trabalho desses artistas menos favorecidos.

Perguntados sobre o envolvimento desses participantes com ações e/ou movimentos artístico-culturais dentro do seu território foi apontada uma diferença na amplitude desses eventos com os que acontecem nos territórios elitizados. Contrapondo às exposições e mostras das quais foram discutidas anteriormente, o Yuri cita, a exemplo, que participa de rodas de rima, mas que poderiam acontecer outras atividades – como exposições – para que o evento não se fechasse em apenas uma em atividade e que as pessoas pudessem continuar interagindo com aquele espaço.

Outras questões levantadas foram: a resistência de trazer assuntos ditos “polêmicos”, como a exemplo das temáticas LGBT, para os subúrbios, cabendo quase sempre essas discussões ao eixo Centro-Zona Sul da cidade; e a pouca abrangência de iniciativas de incentivo artístico-cultural dentro da periferia, cabendo somente aos territórios de favela.

Foi percebido, então, uma questão de não-pertencimento dos participantes dentro do subúrbio: ainda que eles não identifiquem com os territórios de elite, também não se sentem totalmente pertencente aos territórios de favela.

Um outro assunto que surgiu foi sobre o engajamento dos cidadãos-comuns (considerado, aqui, a classe trabalhadora e não-artista) para esses espaços de galeria e discussões artísticas. Foi perguntado aos participantes o que gerava resistência a essas pessoas em frequentar esses espaços.

Tempo, dinheiro, esforço e cansaço. As pessoas trabalham a semana toda e, quando chega o fim de semana, elas querem descansar. E elas não enxergam o “rolé cultural” como algo relaxante.

É uma das últimas coisas que passam na cabeça das pessoas quando se fala em “lazer” ou “passeio”.

Os “rolés culturais” ficam nas “rodinhas culturais”. Se você não tiver um amigo da “rodinha cultural” você não está a par do que está acontecendo.

Foi sugerido que o cidadão-comum prefere estar, por exemplo, numa “roda de pagode” do que numa galeria a despeito desse último trabalhar com linguagens mais “rebuscadas”. Contudo, nesse momento, os próprios participantes se “corrigiram”, falando que as expressões de samba e pagode não deixam de ser um “rolé cultural”, mas que é marginalizado por possuir outra linguagem.

### 3.3 ESCOPO INICIAL

Após validação e o surgimento de novos questionamentos sobre pertencimento com o grupo focal, decidi trazer como projeto a construção de um festival cultural centrado em território suburbano. Com a proposta de as pessoas inseridas nos subúrbios pudessem frequentar espaços de artes não-elitizado com uma proposta de lazer envolvida.

Os objetivos principais eram a) subverter a lógica de deslocamento cultural da cidade, b) promover discussões sobre reconhecimento de identidade territorial, c) criar redes entre artistas e produtores culturais locais; e d) valorizar a economia local de pequenos empreendedores.

A proposta era que o evento contasse com 4 trilhas de conteúdo: de atividades, pensando na construção de diálogos e troca de saberes; de arte, trazendo artistas locais para exporem seus trabalhos, de música, mesclando nomes consagrados com novos talentos; e um espaço de bazar, com o objetivo de fomentar a economia local.

Foi escolhido, inicialmente, o Parque Madureira, como local para o evento pela infraestrutura adequada para a realização das atividades propostas. Além da localização com vários acessos de ônibus, trem e BRT – sendo considerado um “centro” dentro dos subúrbios cariocas.

Quadro 1: Escopo Inicial

<b>Festival de Ativação Cultural Suburbana</b>	
<b>Local</b>	Parque Madureira
<b>Atrações</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Atividades:</b> Oficinas e Workshops, Rodas de Conversa e Mesas Redonda;</li><li>• <b>Mostra de arte:</b> Exposição, Performances e Intervenções Artísticas;</li><li>• <b>Mostra de música:</b> Slams, Roda de Samba, Shows, DJs;</li><li>• + <b>Feira/Bazar</b> com empreendedores locais.</li></ul>
<b>Duração</b>	2 dias (um fim de semana)
<b>Público-alvo</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Atividades diurnas:</b> público familiar;</li><li>• <b>Atividades noturnas:</b> jovens de 18 -30 anos;</li></ul>

Fonte: Autoral (2020)

### 3.4 READEQUAÇÃO DA PROPOSTA

Apesar de possuir um escopo bem definido, no momento de partir para a execução prática do projeto, a pandemia do COVID-19 forçou que se fosse praticado um isolamento social, suspendendo todas as atividades e eventos por medidas de saúde pública sem previsão clara de retorno para a realização dessas práticas em sua plenitude com segurança. Tais medidas impactaram não somente na execução prática do evento, como também nas práticas sociais da população como um todo.

Após um abandono de quase 4 meses do trabalho, que havia sido construído essencialmente na rua e em diálogo com a cidade, foi preciso repensar a base do projeto para entender o que ainda poderia se inserir em nossos novos contextos, com outros olhares sobre os subúrbios e suas demandas culturais.

Ao retomar com o projeto, foram levantadas algumas possibilidades para a realização do evento frente à pandemia, como a realização virtual, trazendo os participantes para interagirem com as atividades de maneira remota. Contudo, essa opção vinha de encontro ao viés de ocupação urbana que havia proposto anteriormente. Foi considerado também a acessibilidade virtual do público-alvo do evento. Conforme elucidado pelo do historiador Vitor Almeida para a coluna Rio Suburbano do jornal O Dia, o acesso à internet se tornou “a mais nova ferida aberta na vida de nossos bairros suburbanos” durante a pandemia. Se as motivações da realização do projeto era promover a inclusão da população periférica em ambientes de discussão, não fazia sentido levar esse evento para outro espaço excludente.

Os apelos de estudos a distância, dos entretenimentos por plataformas de séries e filmes, shows através de lives e as relações pessoais e comerciais cada vez mais dependentes de aplicativos de celular escancaram que os subúrbios precisam de um despertar para sua condição de, mais uma vez, estarem sendo postos à margem da história.<sup>1</sup>

Portanto, foi levantada a condição de pensar o evento para um momento futuro, quando houvesse um retorno seguro das atividades.

Ainda que as medidas de isolamento social tenham se tornado mais flexíveis, foi percebido algumas sequelas dessa não-interação a longo prazo, como o afastamento e desconexão com o espaço urbano, sendo este visitado apenas quando estritamente necessário.

Com isso, surgiu um outro questionamento essencial para a readequação da proposta do projeto: como recuperar a sociabilidade e criar novas redes colaborativas nos subúrbios num contexto pós-pandêmico?

---

<sup>1</sup> (O abismo tecnológico entre os subúrbios e o Rio. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/rio-suburbano/2020/07/5950628-o-abismo-tecnologico-entre-os-suburbios-e-o-rio.html>. Acesso em 15/10/2020)

Foram levantados, como referência, alguns eventos locais e ocupações que ocorriam antes da pandemia, como o Acarajazz e o Leão Etíope do Méier, afim de que pudesse entender sua estrutura e relevância local.

Figura 2: Montagem com logos e fotografias de edições do Acarajazz e de ocupações promovidas pelo Leão Etíope do Méier



Fonte: Acervo Acarajazz, Acervo Leão Etíope e Acervo Pessoal

Por fim, foi pensado, então, em um evento de porte menor, porém de caráter itinerante, para promover a integração local – considerando bairros e suas respectivas adjacências.

Quadro 2: Escopo Refinado

<b>Ocupação Itinerante de Ativação Cultural Suburbana</b>	
<b>Local</b>	Ocupação em praça pública
<b>Atrações</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Mostra de arte:</b> Exposição, Performances e Intervenções Artísticas;</li> <li>• <b>Mostra de música:</b> Slams, Roda de Samba, Shows, DJs;</li> <li>• + <b>Feira/Bazar</b> com empreendedores locais.</li> </ul>
<b>Duração</b>	1 dias (fim de tarde + noite);
<b>Público-alvo</b>	Jovens-adultos (18 - 30 anos);

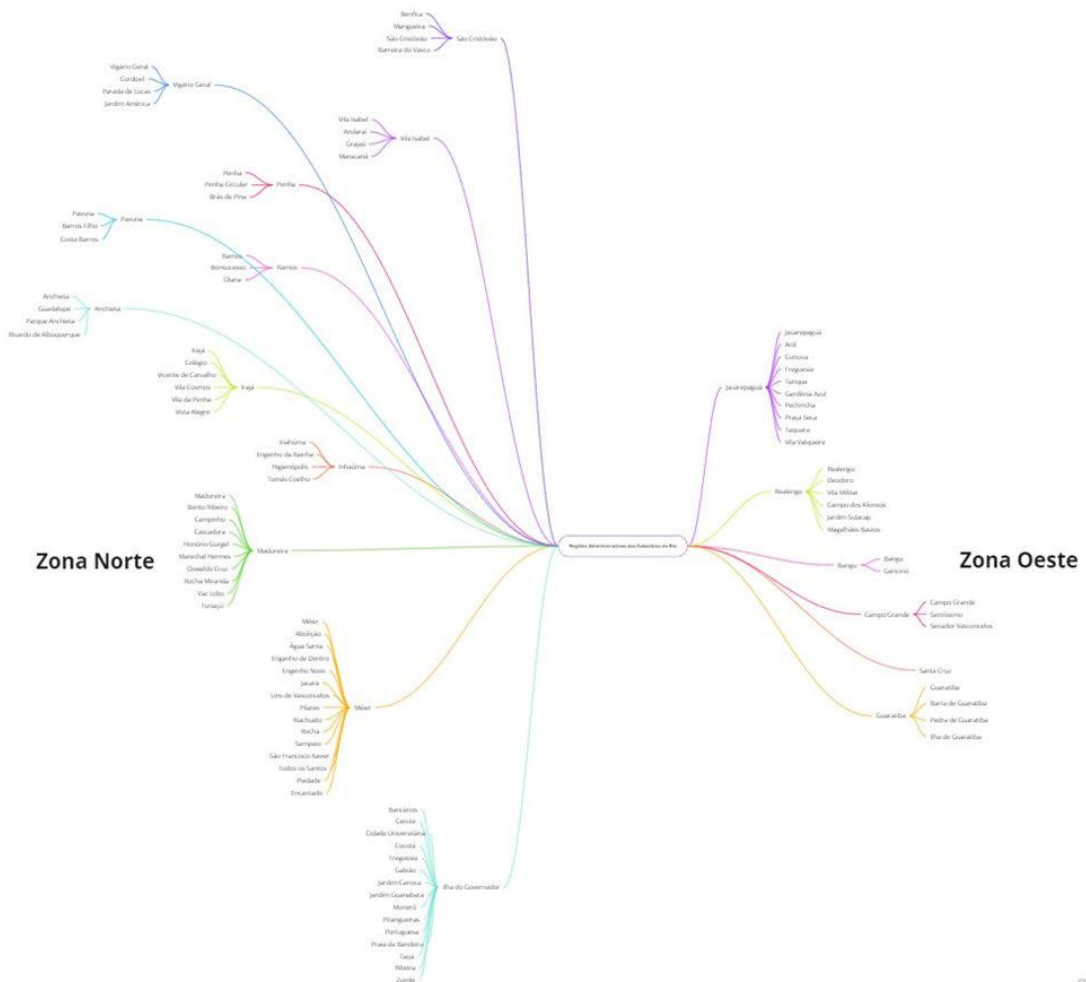
Fonte: Autoral (2020)

Nesse formato, foi excluída a trilha de atividades por uma questão de estrutural dos locais a serem ocupados. Contudo, a promoção desse diálogo torna-se como um viés conceitual para guiar a comunicação do evento.

### 3.4.1 Recorte geográfico

Para definir o roteiro de itinerância, tal como a abrangência regional para cada evento, foi consultada a divisão administrativa das subprefeituras da cidade do Rio de Janeiro. Com base nessa divisão, foi montado um mapa mental organizando os bairros considerados subúrbios em regiões.

Figura 3: Mapeamento das regiões suburbanas das zonas Norte e Oeste do Rio de Janeiro



Fonte: Aural (2020).

Dessa forma, temos Anchieta, Bangu, Campo Grande, Guaratiba, Ilha do Governador, Inhaúma, Irajá, Madureira, Méier, Pavuna, Penha, Ramos, Realengo, Santa Cruz, São Cristóvão, Taquara (Jacarepaguá), Vigário Geral e Vila Isabel como locais estratégicos para construção desses eventos.

Por razões próprias de identidade e pertencimento, foi escolhido o Méier como uma possível primeira edição para o desenvolvimento do presente trabalho.

## 4 DESENVOLVIMENTO VISUAL

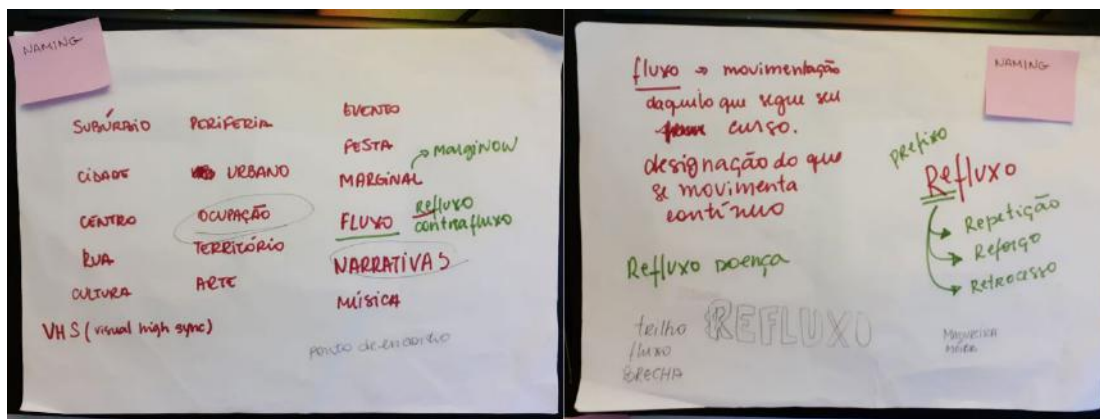
Uma vez definido o escopo estrutural do evento, tal como seus objetivos e intencionalidades, era preciso “dar cara” a esse projeto através de um nome forte e uma identidade visual consolidada, que pudesse se adequar a diversas edições.

### 4.1 NAMING

Para dar início ao processo de *naming*, foi feito um *brainstorming*, buscando palavras relacionadas que pudessem ter alguma relação com a proposta do evento. Durante esse processo de levantamento de ideias, a palavra “fluxo” teve certo destaque devido à sua ideia semântica ligada a movimento. Segundo o Dicionário Didático (2009, p.377), “fluxo” pode ser definido como “movimento de pessoas ou de coisas de um lugar para o outro”.

A partir dessa escolha, foi experimentado testar junto a palavra a associação de prefixos, tal como “re-”, sugerindo novos significados semânticos. Contudo, o resultado não foi satisfatório, pois a palavra resultante, “refluxo”, fazia a associação a um distúrbio gastrointestinal.

Figura 4: Anotações de Brainstorm



Fonte: Autoral (2020).

Assim, foi necessário dar alguns passos para trás e fazer perguntas mais objetivas. O principal questionamento era: qual a personalidade do evento proposto. Respondendo a essa pergunta, foram levantadas mais três palavras que pudessem definir conceitualmente os diferenciais da proposta, sendo elas:



- Deslocamento;
- Pertencimento;
- Cultura.

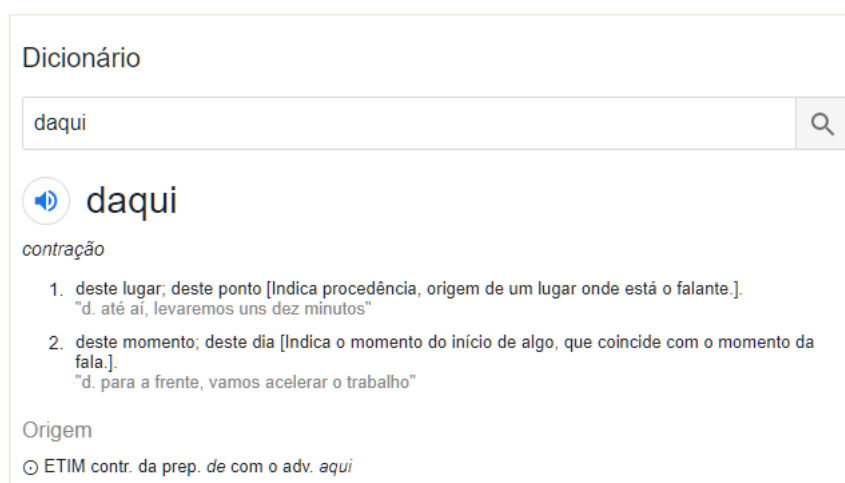
Segundo o Dicionário Didático (2009, p.377), “*fluxo*” pode ser definido como “movimento de pessoas ou de coisas de um lugar para o outro”. Este verbete, conceitualmente, se alinhava com a ideia de “deslocamento”, contudo ainda parecia vazio em relação à ideia de pertencimento. Então, a partir da observação cotidiana, então foi notado como as pessoas referenciavam coisas ao seu território usando a palavra “*daqui*”.

Ih, Fulano é **daqui** do Engenho Novo.

Como faço pra chegar em tal lugar **daqui**?

Foi constatado, então, como que essa palavra trazia consigo tanto a ideia de pertencimento e deslocamento, além de poder ser adaptada com facilidade a diferentes territórios. A partir de uma consulta rápida ao Google<sup>2</sup>, foi confirmado que atendia semanticamente às propostas do evento.

Figura 5: Captura de tela de resultado de pesquisa para o termo “*daqui*”



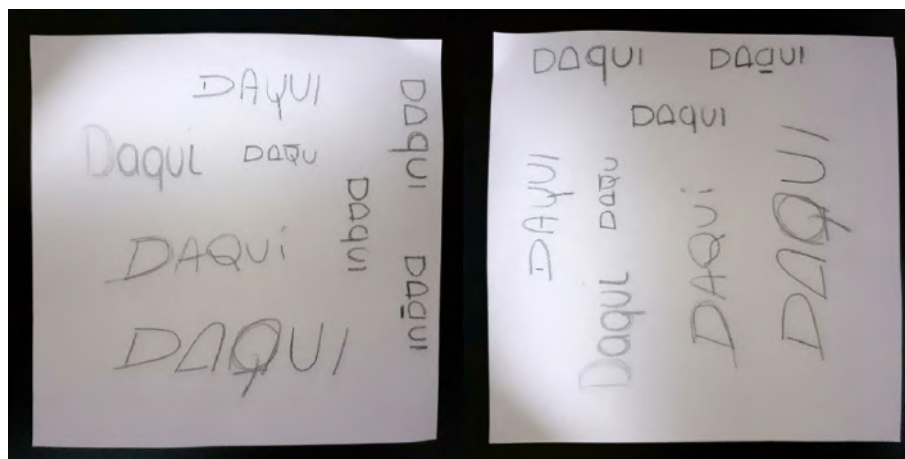
Fonte: Google

<sup>2</sup> Primeiro resultado em pesquisa rápida no buscador Google.com. Disponível em: [https://www.google.com/search?sxsrif=ALeKk02J\\_IJJ54zhFSbcEtWj1cf9UXwxzA%3A1605788594392&ei=smO2X\\_LJF7vC5OUP9d6TuAY&q=daqui&oq=daqui&gs\\_lcp=CgZwc3ktYWIQDDIECAAQRzIECAAQRzIECAAQRzIECAAQRzIECAAQRzIECAAQRzIECAAQR1AAWABggZsDaABwAngAgAEAiAEAkGEAmAEAqgEHZ3dzLXdpsgBCMABAQ&sclient=psy-ab&ved=0ahUKEWjy6oLWzI7tAhU7IbkGHXXvBGcQ4dUDCA0](https://www.google.com/search?sxsrif=ALeKk02J_IJJ54zhFSbcEtWj1cf9UXwxzA%3A1605788594392&ei=smO2X_LJF7vC5OUP9d6TuAY&q=daqui&oq=daqui&gs_lcp=CgZwc3ktYWIQDDIECAAQRzIECAAQRzIECAAQRzIECAAQRzIECAAQRzIECAAQRzIECAAQR1AAWABggZsDaABwAngAgAEAiAEAkGEAmAEAqgEHZ3dzLXdpsgBCMABAQ&sclient=psy-ab&ved=0ahUKEWjy6oLWzI7tAhU7IbkGHXXvBGcQ4dUDCA0). Acesso em 15/09/2020.

## 4.2 EXPERIMENTAÇÕES GRÁFICAS

Com o nome do evento definido, partiu-se então para a etapa de experimentações gráficas. A partir da palavra “*daqui*”, foi testado alguns esboços, buscando visualizar formas geométricas a partir da abstração dos símbolos.

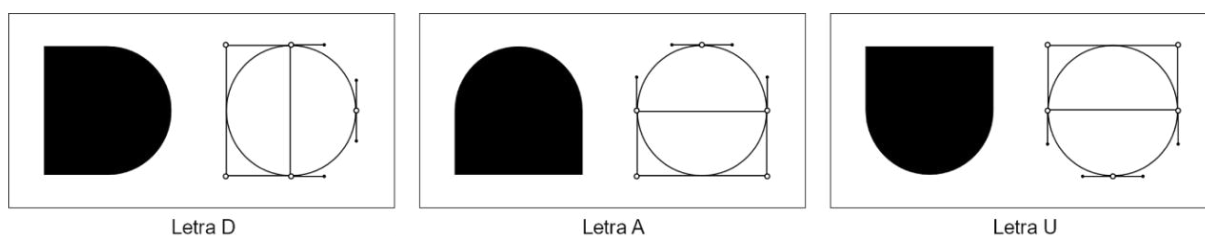
Figura 6: Esboços preliminares



Fonte: Autoral (2020)

Com esses esboços, foi possível perceber formas repetitivas nas letras “*D*”, “*A*” e “*U*”. Essa coincidência permitiu que fosse tomado um caminho de experimentações a partir do desenho de outras letras.

Figura 7: Estrutura vetorial para as letras “*D*”, “*A*” e “*U*”



Fonte: Autoral (2020)

Para entender a aplicabilidade dessa possível tipografia em outros contextos e explorar possíveis composições para futuras peças gráficas, foram feitos dois cartazes, em nível experimental, usando como base trechos das músicas “*Meu Lugar*”, de Arlindo Cruz, e “*Samba*

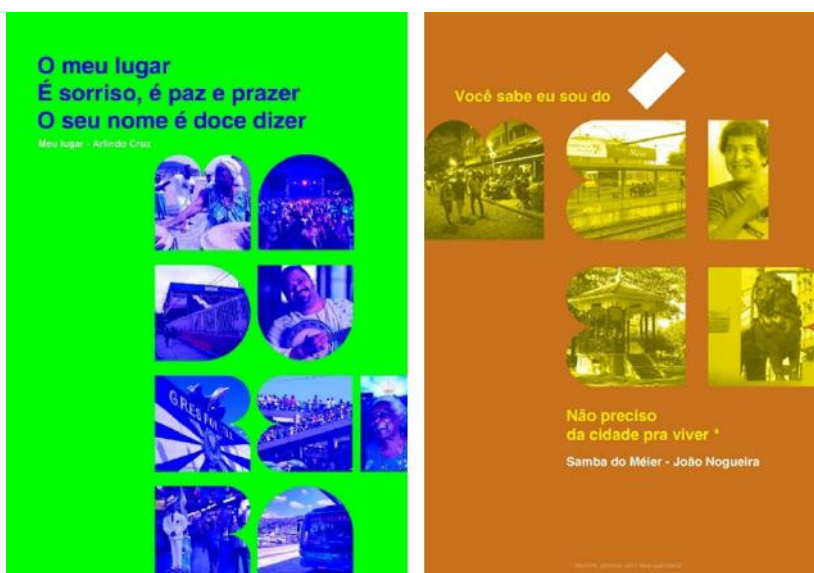
do Meyer”, de João Nogueira. Essas composições tiveram como referência o projeto Modernismo Funkeiro<sup>3</sup> (CRUZ, 2017).

Figura 8: Cartazes Modernismo Funkeiro



Fonte: Modernismo Funkeiro (2016 e 2017)

Figura 9: Cartazes experimentais Madureira e Méier



Fonte: Autorial (2020)

<sup>3</sup> Série de cartazes tipográficos, desenvolvidos pela designer Paula Cruz. Disponível em: <https://modernismofunkeiro.com.br/>. Acesso em 19/11/2020.

Nessas experimentações, foram escolhidas tais músicas pelas suas narrativas de exaltação a bairros tradicionalmente suburbanos, elucidando cotidiano, costumes e a cultura daquele território.

Os tipos modulares foram usando como máscara, trazendo, dentro de cada letra, elementos tradicionais dos bairros que foram escritos com elas. A escolha das cores de cada um dos cartazes foi feita a partir de associações ao bairro. No caso de Madureira, foram escolhidos verde e o azul em referências às cores dos GRES Império Serrano e Portela, escolas de samba tradicionais da região. No caso do Méier, a escolha se deu a partir de observações dos monumentos Leão do Méier (RODRIGUES, 1989), Marco do Méier (Mayerhoger e Toledo, 1996), Relógio do Méier I (Mayerhoger e Toledo, 1996), e Relógio do Méier II (Mayerhoger e Toledo, 2004) dispostos pelo bairro.

Figura 10: Quadras dos GRES Império Serrano e Portela



Fonte: Acervo Lierj e Acervo Portela

Figura 11: Monumentos do Méier



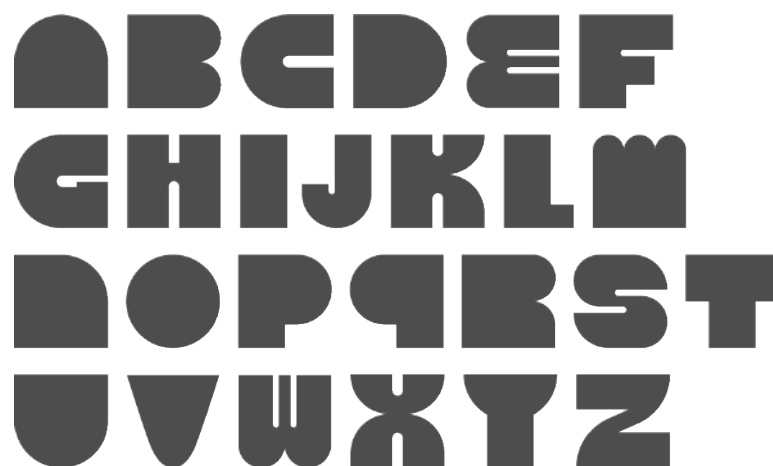
Fonte: Acervo Inventário dos Monumentos RJ

### 4.3 TIPOGRAFIA

A produção dos cartazes-teste foi bem satisfatório em relação ao uso da tipografia como elemento ilustrativo, ainda que houvesse algumas dificuldades relativas à legibilidade das palavras. Foi perguntado para algumas pessoas – do Rio e de outros Estados brasileiros – se elas conseguiam entender o que estava escrito. Houve algumas dificuldades, principalmente em relação a letra “E”. Contudo, de maneira geral, as devolutivas foram positivas: havia identificação e entendimento geral do contexto pelo arranjo do todo.

Com isso, foi decidido fazer alguns ajustes na tipografia para garantir uma melhor legibilidade e manter ela como base para o desenvolvimento da identidade visual do projeto.

Figura 12: Alfabeto Ilustrativo



Fonte: Autorial (2020)

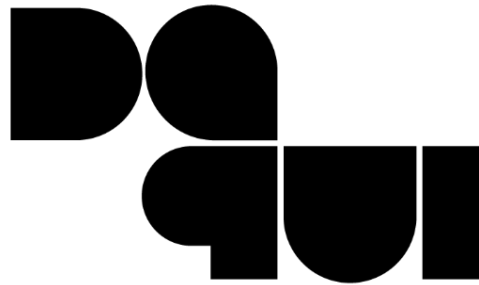
### 4.4 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE VISUAL

Após esse conjunto de experimentações, já foi possível construir um caminho sólido para trilhar e definir, assim, uma identidade visual.

#### 4.4.1 Logotipo

A construção do logotipo contou com o uso da tipografia criada, com algumas adaptações na letra “A” para integrar as formas e fazer referência a um alfinete de geolocalização. A escolha da tipografia modular e robusta faz referência à estrutura da cidade. Ela representa o “aqui” e o “agora”, sugerindo estabilidade dos corpos edificados e a permanência num momento presente.

Figura 13: Logotipo DAQUI

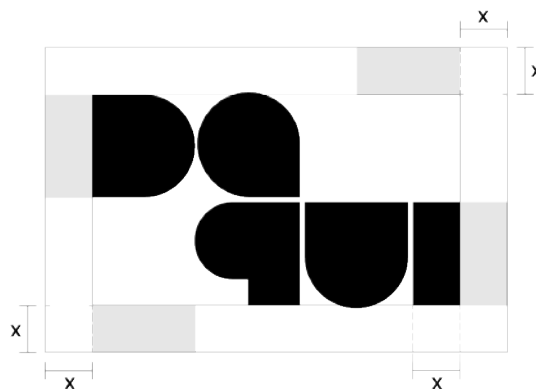


Fonte: Autoral

#### 4.4.1.1 Arejamento

Para garantir o impacto visual e a legibilidade do logotipo foi definido que se deve resguardar uma área de não-interferência equivalente, no mínimo, à largura da letra “I” ao redor da marca.

Figura 14: Área de não-interferência



Fonte: Autoral

#### 4.4.1.2 Dimensões mínimas

Para assegurar a legibilidade do logotipo, devem ser respeitadas a dimensão mínima de 13mm de largura para veiculação em materiais gráficos impressos. Essa decisão foi tomada com base em testes de impressão e observando a legibilidade.

Figura 15: Redução mínima



Assim como a cidade, o logotipo DAQUI está sujeito a intervenções. Desta forma, é permitido e estimulado que se aplique novas experimentações e intervenções gráficas – tais como alteração de cores, aplicação de texturas, etc – para novas propostas visuais.

#### **4.4.2 Manual de Identidade Visual**

Foi criado um Manual de Identidade Visual como um pequeno guia de orientações básicas para garantir a legibilidade e que haja uniformidade para propostas de novos kits de peças. Ele pode ser encontrado no **apêndice** deste trabalho.

O Manual de Identidade Visual, em si, apresenta a aplicação desse uso institucional monocromático mesclado com um tom de voz coloquial para a apresentação dos conceitos. Esse recurso linguístico é usado pelo historiador Vitor Almeida em seu livro “Suburbano da depressão: causos, contos e crônicas” para aproximar o leitor de uma conversa cotidiana e define o *voice tone* da marca a ser incorporado pela marca em comunicações e campanhas.

Mas o que me encanta mesmo nesta grande bagunça conceitual é a simplicidade com que o povo suburbano vive. O que é ser suburbano, então? Aí já é outro tipo de análise social para o caso. [...] Apesar de alguns bairros dos subúrbios ainda serem marcadamente de classe média-baixa e, de certa forma, esquecidos pela administração pública, marcante mesmo é o suburbano e sua quebra de protocolos. Eu sempre admirei a quebra de protocolos, mesmo. (ALMEIDA, 2016, p.20.)

## 5 COMUNICAÇÃO

Conforme explicitado anteriormente, foi escolhido o Méier como local para uma possível primeira edição. Dessa forma, o desenvolvimento gráfico a seguir foi pensado para este possível cenário.

### 5.1 LAMBES

Em paralelo à definição das diretrizes de *branding*, foram produzidos mais dois cartazes-testes para validar as decisões estéticas com o público-alvo. Dessa vez, eles foram levados às ruas no formato de lambes.

Para a construção desses lambes, foram feitas duas composições. A primeira delas, utilizando a tipografia ilustrativa sobre uma fotografia tratada da estação do Méier, ilustrando o jargão local “Quem mora no Méier não bobéier”. A segunda, se tratava de uma colagem em P&B com “pontos” do bairro e uma versão preliminar do logotipo do evento. Junto a essa colagem, um trecho adaptado do samba de João Nogueira<sup>4</sup>:

      você sabe eu sou do méier  
      não preciso da cidade pra viver  
      pois o méier tá com tudo, pode cre.  
      se você não acredita, por favor vai vê!

A colagem dessas peças pelo bairro contou com a ajuda voluntária de Renata Esperança e Vivyan Vitória, moradoras do Méier e Engenho Novo, respectivamente, que compraram a ideia de ir para as ruas num sábado chuvoso.

Os cartazes, em si, eram meramente ilustrativos, não possuindo nenhum *call-to-action* ou qualquer informação específica sobre o projeto. Ainda assim, houve adesão e interesse das pessoas que transitavam em adquirir – ou acompanharam a ação pelo perfil pessoal nas redes sociais das envolvidas.

---

<sup>4</sup> Samba do Meyer, de João Nogueira. Letra disponível no **Anexo A**.



Figura 16: Colagem de Lambes no Méier



Fonte: Renata Esperança (2020)

## 5.2 INSTAGRAM DO PROJETO

Para alcançar um público que não está nas ruas, foi proposto a criação de um perfil no Instagram. Essa rede social foi escolhida por ser uma rede de fácil interação, criação de engajamento e difusão de conteúdo.

A ideia principal é centralizar a comunicação através deste perfil, com conteúdo e campanhas, criando um senso de comunidade. O nome de usuário *@somos.daqui* foi escolhido para transmitir essa ideia de pertencimento. Foi usado como foto de *avatar* uma versão reduzida do logotipo.

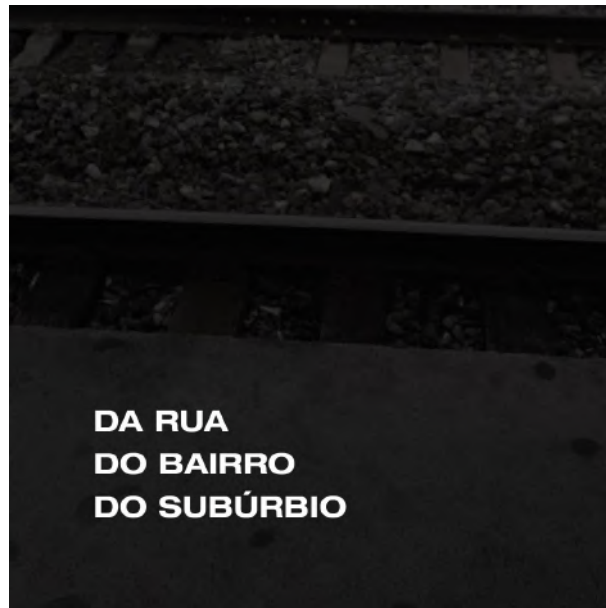
Figura 17: Perfil do Instagram



Fonte: Autoral (2020)

Para as primeiras publicações, foram desenvolvidos duas peças iniciais e um vídeo *teaser* para apresentar os pilares conceituais do projeto e a marca. O propósito é ambientar novos seguidores, criando o clima de mistérios e introduzir, aos poucos a proposta geral da DAQUI.

Figura 18: Publicação 01



Fonte: Autoral (2020)

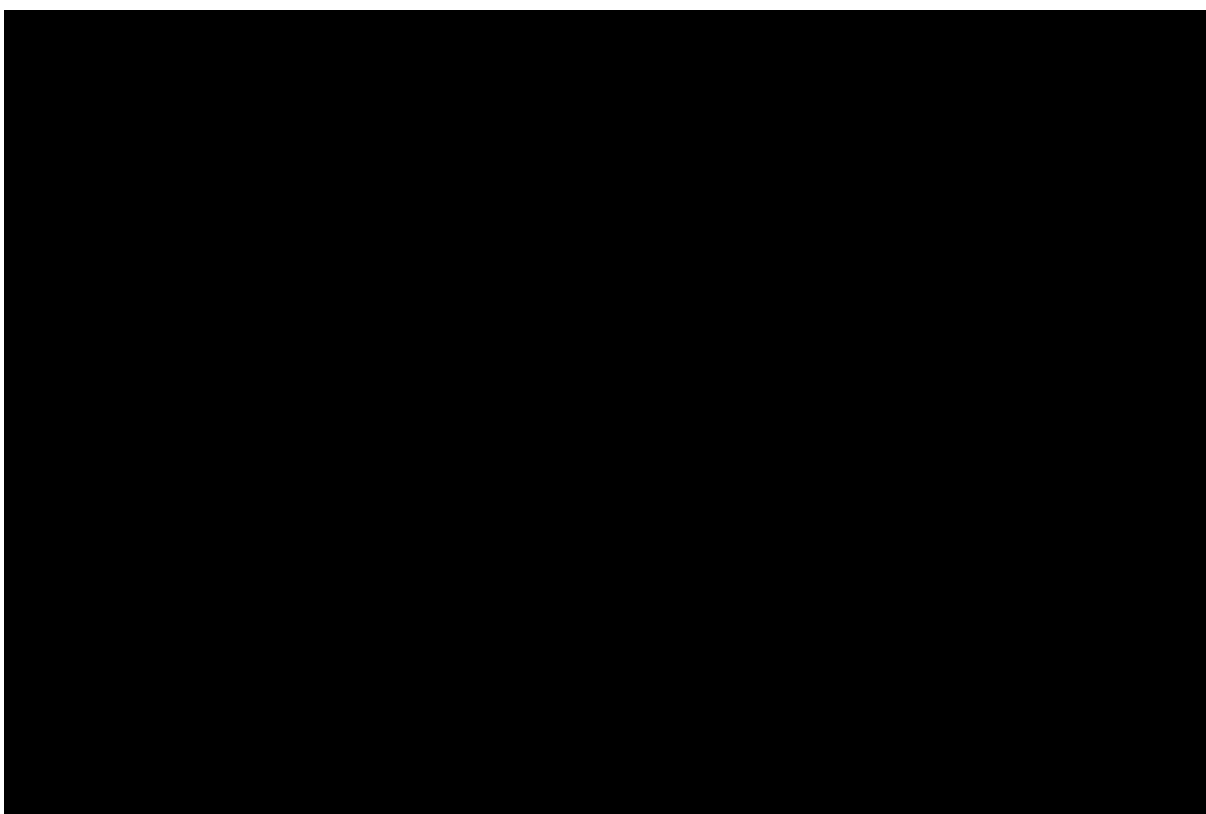
Figura 19: Publicação 02



Fonte: Autoral (2020)

Para a construção do *teaser*, foi solicitado a diversos colegas moradores dos subúrbios cariocas que se apresentassem – dizendo seu nome, ocupação e bairro de residência – fazendo um trocadilho com a palavra “*daqui*”. A edição desse material foi feita pelo amigo Marcos Lopes e, para encaixar no limite de tempo proposto de 30”, foi necessário reduzir as falas, mencionando apenas o território. O objetivo desta publicação é reforçar os conceitos de territorialidade e pertencimento, e humanizar conteúdo publicado trazendo rostos e vozes de pessoas reais em participação coletiva.

Vídeo 1: Publicação 03 - Teaser DAQUI.



Fonte: Marcos Lopes (2020)

### **5.2.1 DAQUI do Méier**

Considerando a realização de uma edição fictícia, foram desenvolvidas mais nove peças gráficas para divulgação no Instagram. Foi feito um planejamento prévio de publicações, projetando engajamento orgânico do público com o conteúdo, através de uma narrativa. Dessa forma, a proposta de promoção da edição DAQUI do Méier segue o seguinte planejamento:

- **Divulgação do evento:** apresentar a primeira edição com definição de data e local;

Figura 20: Publicação 04



Fonte: Autoral (2020)

- **Ambientação:** aproximar o público do território através de um conteúdo sobre o bairro;

Figura 21: Publicação 05



Fonte: Autoral (2020)

- **Engajamento:** gerar engajamento com as pessoas do bairro por reprodução de um jargão popular local;

Figura 22: Publicação 06



Fonte: Autorial (2020)

- **Convocatória:** atrair e captar talentos locais para participar do evento como atração;

Figura 23: Publicação 07



Fonte: Autorial (2020)

- **Argumento de autoridade:** trazer conteúdo de um produtor local<sup>5</sup> com reconhecimento para legitimar o evento;

Figura 24: Publicação 08



Fonte: Autoral (2020)

---

<sup>5</sup> Vídeo “Papo de Subúrbio - Pedro Rajão”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_juvcyNw1s4](https://www.youtube.com/watch?v=_juvcyNw1s4)  
Acesso em: 19/10/2020.

- **Atrações do evento:** explicitar as trilhas e o que vai acontecer durante o evento;

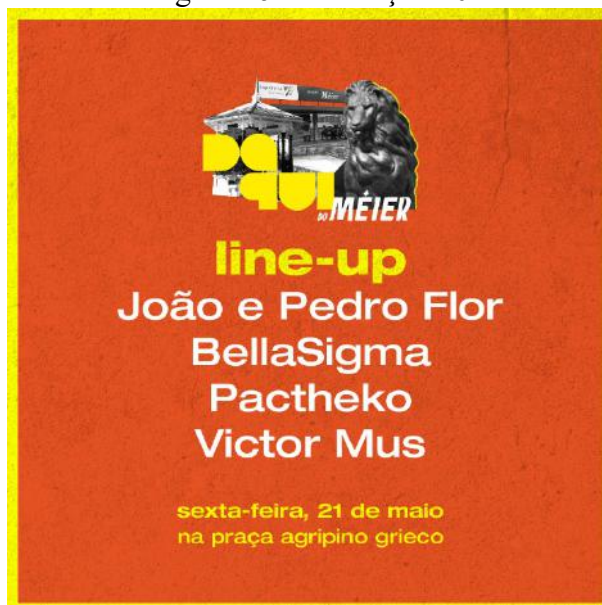
Figura 25: Publicação 09



Fonte: Autorial (2020)

- **Line-Up:** anunciar os convidados do evento em formato de lista;

Figura 26: Publicação 10



Fonte: Autorial (2020)



- **Ambientação:** aproximar mais uma vez o público do território através de um conteúdo sobre a atividade cultural do bairro;

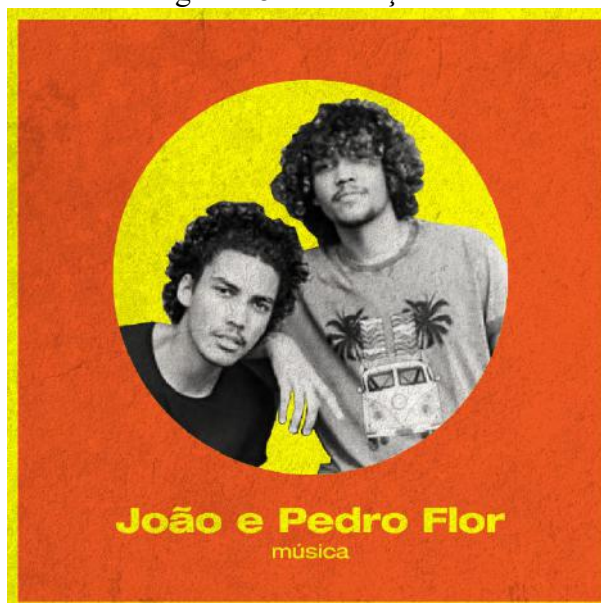
Figura 27: Publicação 11



Fonte: Autoral (2020)

- **Divulgação das atrações:** anunciar os convidados do evento individualmente.

Figura 28: Publicação 12



Fonte: Autoral (2020)

A disposição das publicações foi feita seguindo um arranjo cromático em “xadrez” para manter a harmonia visual além das tríades. Desde modo, o ritmo visual se mantém independentemente da quantidade de publicações feitas.

Figura 29: *Display* de publicações



Fonte: Autorial (2020)

Na composição das peças apresentadas, foram usadas apenas as cores amarelo e laranja, conforme o proposto pelo Manual de Identidade Visual. Para o uso de fotografia, foi escolhido um tratamento P&B com intervenções gráficas, integrando ao contexto geral.

### 5.3 OUTRAS EDIÇÕES

Conforme explicitado, o desenvolvimento visual presente neste trabalho, considera apenas uma possível primeira edição no Méier. Contudo, a proposta geral da DAQUI é que o modelo de evento e comunicação sejam replicados em demais territórios, consolidando assim o caráter itinerante do evento.

Como exemplo de aplicação para uma próxima possível edição, foi desenvolvida mais uma peça ilustrativa transpondo a narrativa para o território de Madureira. Para essa peça, foi usada uma fotografia da passarela da estação de trem Mercado de Madureira com um arranjo tipográfico de um trecho da música de Arlindo Cruz, “Meu Lugar”.<sup>6</sup>

Figura 30: Ilustração Madureira



Fonte: Autoral (2020)

---

<sup>6</sup> Meu Lugar, de Arlindo Cruz. Letra disponível no **Anexo B**.

## 6 PEÇAS PROMOCIONAIS

### 6.1 ADESIVOS

Para fins promocionais, foram feitos adesivos para serem distribuídos durante os eventos e colados pela rua. Os adesivos contam com a ilustração desenvolvida para o bairro e uma menção ao perfil no Instagram do projeto. Há também uma versão apenas com a logo.

Figura 31: Adesivo Méier



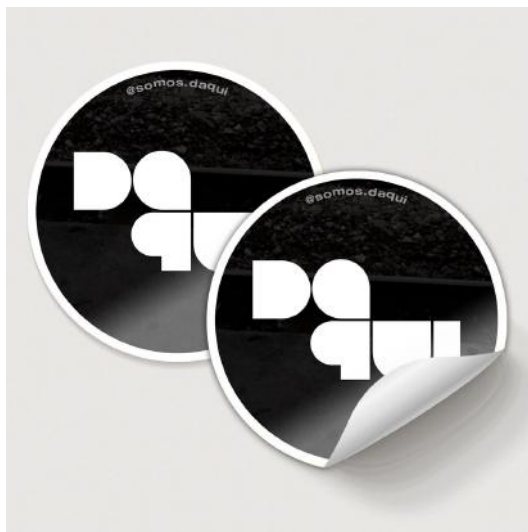
Fonte: Autoral (2020)

Figura 32: Adesivo Madureira



Fonte: Autoral (2020)

Figura 33: Adesivo DAQUI



Fonte: Autorial (2020)

## 6.2 CAMISAS

Foram desenvolvidas também camisas com estampas tipográficas dos bairros, podendo ser comercializadas durante os eventos. Há também uma versão apenas com a logo, podendo ser incorporada pela organização durante a realização dos eventos.

Figura 34: Camisas Promocionais.



Fonte: Autorial (2020)

Figura 35: Camisa Organização



Fonte: Autoral (2020)

## 7 CONCLUSÃO

Concluir a faculdade durante uma pandemia, sem dúvidas, foi algo que eu nunca imaginaria na minha vida – principalmente propondo um projeto que, a princípio, contrariava todas as recomendações sanitárias de isolamento social da OMS.

Contudo, desenvolver tal trabalho também foi um processo de resgate da minha própria identidade e pertencimento, me estimulando a olhar para os subúrbios do Rio com mais curiosidade e afeto. Entender a construção da cidade faz com que tenhamos um olhar mais crítico às pautas cotidianas, questionando detalhes que antes passavam despercebidos aos nossos olhos, como a construção de narrativas e o direito à cidade. Uma vez que comecei a pesquisar sobre esses temas, foi difícil prosseguir do embasamento teórico para as etapas de design, pois havia descoberto um campo de pesquisa riquíssimo ao qual tenho muito desejo de continuar estudando.

O projeto DAQUI, enquanto ocupação urbana, teve um *feedback* bem positivo das pessoas para as quais o apresentei até então, que demonstraram interesse genuíno para que essas ocupações, de fato, aconteçam. Entretanto, no presente momento, as ondas de COVID-19 ainda são um risco para a população e, com isso, seria necessário que o projeto passasse por uma revisão estrutural para ser implementado com segurança.

Embora atualmente haja uma série de impeditivos para que a DAQUI aconteça em formato de evento, o projeto de identidade e comunicação são sólidos o suficiente para que se construa uma rede colaborativa virtual, apresentando uma curadoria de talentos e negócios suburbanos em redes sociais. Para desenvolver esse trabalho, contei essencialmente com a ajuda de muitas pessoas durante todas as etapas, evidenciando o potencial do projeto enquanto coletivo. DAQUI é um projeto participativo desde a sua concepção. E me alegra demais que este trabalho não seja só meu, podendo ser replicado em um momento futuro.

Conforme dito no **prefácio**, as minhas experiências com o mundo não acadêmico sempre me causaram inquietações sobre o pensar/fazer/viver Design. E, pensar um projeto de design para além da Universidade fez com que surgissem ainda mais delas. Concluo este trabalho sem uma resposta precisa para as perguntas que eu mesma havia feito no início. No entanto, reafirmo através dele uma lacuna grande que ainda existe na Academia: é necessário que haja mais discussões e – principalmente – diálogo do Design para com o que há além do mundo elitizado. Para isso, é necessário as narrativas suburbanas e periféricas dialoguem com equidade dentro desses espaços.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única / Chimamanda Ngizi Adichie; tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMA Suburbana. Direção de Luiz Claudio Lima, Hugo Labanca, Leonardo Oliveira e Joana D'Arc. Rio de Janeiro: 2007. (75 min.).

ALMEIDA, Vitor. Suburbano da Depressão: causos, contos e crônicas. Rio de Janeiro: Autografia, 2016.

DICIONÁRIO didático. 3. ed. São Paulo: Edições SM, 2009.

DOMINGUES, Álvaro. (Sub)úrbios e (sub)urbanos: o mal-estar da periferia ou a mistificação dos conceitos? Revista da Faculdade de Letras, Porto, Geografia, I Série, v. X/XI, p. 5-18, 1994-1995.

LIMA, L. C. M. ; MATTOSO, R. . 10 anos de Alma Suburbana: Uma análise da história e das identidades suburbanas a partir do documentário. Cinema e Território , v. nº3, p. 67-74, 2018.  
LUPTON, Ellen (org.). Intuição, ação, criação: graphic design thinking. São Paulo: G. Gili, 2013.

MAIA, J. L. A. ; CHAO, Adelaide . Subúrbio carioca: conceitos, transformações e fluxos comunicacionais da cidade. Conexão: Comunicação e Cultura , v. 15, p. 147-165, 2016.

OLIVEIRA, Marcos Piñon de. Soluções e esperança nas fronteiras da cidade. Caderno Globo Universidade, Rio de Janeiro: Globo, v.1, n. 2, mar. 2013.



## ANEXO A – Samba do Meyer, João Nogueira

Você sabe eu sou do Meyer  
Não preciso da cidade pra viver  
Pois o Meyer tá com tudo, pode cre.  
Se você não acredita, por favor vai vê.

O Meyer tem um jardim pra gente amar  
É la que eu vou construir meu lar.  
Meyer sempre foi o maioral  
É o capital dos subúrbios da central.

Você sabe eu sou do Meyer  
Não preciso da cidade pra viver  
Pois o Meyer tá com tudo, pode cre.  
Se você não acredita, por favor vai vê.

O Meyer tem um jardim pra gente amar  
É la que eu vou construir meu lar.  
Meyer sempre foi o maioral  
É o capital dos subúrbios da central.

Tá pensando o quê?  
O Meyer já me deu muita gente boa...  
O hélio, o biló, o quadripino, o guará... conhece o guará?  
O girico, bate a fotografia lá no compandre carlô para fazer a reportagem, já ta tudo armado.  
Como é que é malandro hélio.  
O lugar bom pra criar marreco esse Meyer.

Vitamina tá tudo certo aí?  
Mete bronca na flauta aí, jorginho.  
Jorginho também é lá do Meyer.  
Como é que está minha tia, oh beleza.

## ANEXO B – Meu Lugar, Arlindo Cruz

O meu lugar,  
É caminho de Ogum e Iansã,  
Lá tem samba até de manhã,  
Uma ginga em cada andar.

O meu lugar,  
É cercado de luta e suor,  
Esperança num mundo melhor,  
E cerveja pra comemorar.

O meu lugar,  
Tem seus mitos e seres de luz,  
É bem perto de Oswaldo Cruz,  
Cascadura, Vaz Lobo, Irajá.

O meu lugar,  
É sorriso é paz e prazer,  
O seu nome é doce dizer,  
Madureira, lá, laiá.  
Madureira, lá, laiá.

O meu lugar,  
É caminho de Ogum e Iansã,  
Lá tem samba até de manhã,  
Uma ginga em cada andar.

O meu lugar,  
É cercado de luta e suor,  
Esperança num mundo melhor,  
E cerveja pra comemorar.

O meu lugar,

Tem seus mitos e seres de luz,  
É bem perto de Oswaldo Cruz,  
Cascadura, Vaz Lobo, Irajá.

O meu lugar,  
É sorriso é paz e prazer,  
O seu nome é doce dizer,  
Madureira, lá, laiá.  
Madureira, lá, laiá.

Ah que lugar,  
A saudade me faz lembrar,  
Os amores que eu tive por lá,  
É difícil esquecer.

Doce lugar,  
Que é eterno no meu coração,  
E aos poetas traz inspiração,  
Pra cantar e escrever.

Ah meu lugar,  
Quem não viu a Tia Eulália dançar,  
Vó Maria o terreiro benzer,  
E ainda tem jongo ao luz do luar.

Ah meu lugar,  
Tem mil coisas pra gente dizer,  
O difícil é saber terminar,  
Madureira, lá, laiá.  
Madureira, lá, laiá.



Em cada esquina um pagode um bar,  
Em Madureira.

Império e Portela também são de lá,  
Em Madureira.

E no Mercado você pode comprar,  
Por uma pechincha você vai levar,  
Um denço, um sonho pra quem quer sonhar,  
Em Madureira.

E quem se habilita até pode chegar,  
Tem jogo de ronda, caipira e bilhar,  
Buraco sueca pro tempo passar,  
Em Madureira.

E uma fezinha até posso fazer,  
No grupo dezena, centena e milhar,  
Pelos setes lados eu vou te cercar,  
Em Madureira.

La la la la ialalaialalaia, em Madureira  
Lalalaialalalalalaia, em Madureira

**APÊNDICE – Manual de Identidade Visual**



**MANUAL DE IDENTIDADE VISUAL**

**Trabalho Conclusão do Curso** de Graduação em Comunicação Visual Design da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro realizado por **Larissa Janelli da Costa**, sob orientação de **Raquel Ponte**.



# INTRODUÇÃO

Opa! Então tu que é o designer que tá tocando o projeto agora?  
Aulas! Brabo demais!! Então, deixa eu te falar...

Esse material aqui é o chamado “**Manual de Identidade Visual**”, mas como o manual de tudo quanto é treco, eu tenho certeza que tu já fuçou tudo o que podia e só chegou aqui porque ainda não sabe o que fazer, né? Tudo bem. Eu, pessoalmente, faria o mesmo. *(Se pá, nem leria essa parte aqui, então, se tu tá lendo, valeu demais pela atenção! <3)*

Neste guia, tu vai encontrar umas regrinhas gerais sobre como usar a marca que eu desenvolvi com  *muito* suor! O material tá bem sucinto, bem didático... te prometo! Não sou lá dessas de ficar impondo regra. O objetivo principal disso aqui é ajudar quem tá meio perdido a entender como que o nosso rolé funciona. E claro, evitar que avacalhem o bagulho porque deu muito trabalho.

No mais, obrigada demais por estar colando junto.  
E vamo que vamo!

# HISTÓRIA

Acho topíssimo aquele verso do João Nogueira do “*nascido no subúrbio nos melhores dias*” e eu queria muito usar ele pra contar essa história, mas a **DAQUI** nasceu de um projeto de TCC. E como se não bastasse todo o surto generalizado do fim de uma graduação, ainda veio uma pandemia braba pra dar aquele chute bonito nas canelas.

Mas **somos insistência**.

Apesar de contar essa história triste de gestação em tempos de isolamento social, a **DAQUI** foi concebida na rua - debaixo do viaduto Negrão de Lima, em Madureira, na companhia do grande amigo e produtor Peagá. E eu, Janelli, decidi abraçar essa ideia como a cerejinha do meu bolo universitário.

Então, resumidamente, a **DAQUI** é daqui. Daqui da rua, daqui do bairro... Daqui do subúrbio!

E como suburbana, eu queria muito trazer pra Acad'mia um pouquinho do que é a nossa história, nossas vivências e - sobretudo, as nossas narrativas.

Sabe, tava cansada de dar aquele rolézão extenso pra me enfiar no meio de um monte de playboy pra me sentir cool. Cadê os rolés de arte suburbanos? Cadê os artistas **DAQUI**?

Então, pra contrariar essa tal lógica de deslocamento cultural da cidade, a **DAQUI** nasceu. A nossa proposta é de promover integração cultural pelos diversos bairros dos subúrbios cariocas ocupando praças públicas e contruindo redes entre artistas e produtores culturais locais. E, por isso, só de ter alguém manuseando esse material, eu já fico feliz da vida porque já imagino que isso tá se tornando real.

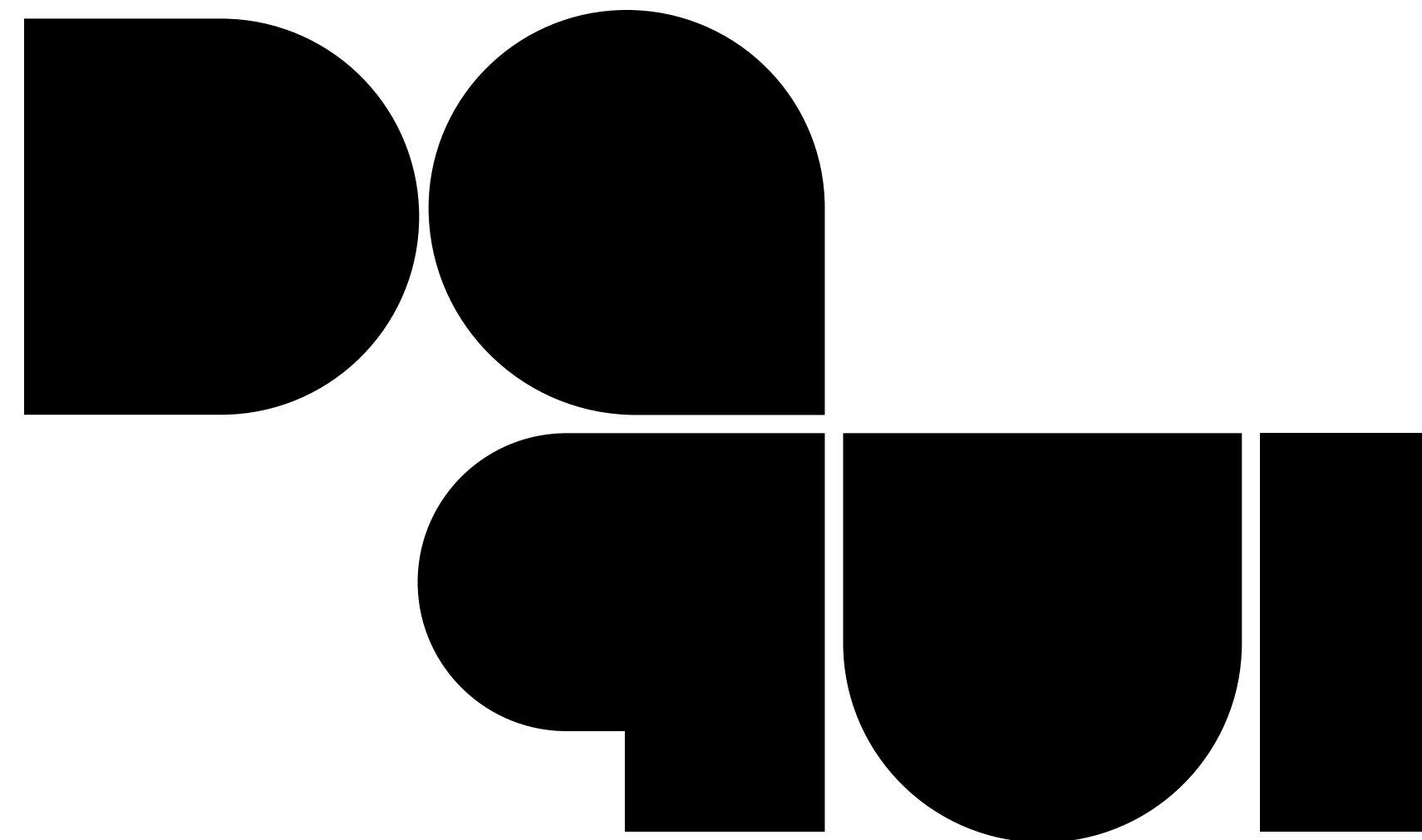
Mas e aí, vamos **DAQUI** pra onde agora?

100

# LOGOTIPO

O logotipo **DAQUI** é modular e robusto, sendo composto a partir de formas geométricas. Ele expressa a solidez da cidade, permitindo que os corpos fluídos dialoguem e intervenham em seu espaço.

Ele representa o “*aqui*” e o “*agora*”, sugerindo estabilidade de uma parada num momento presente das ocupações.



**Doqui**

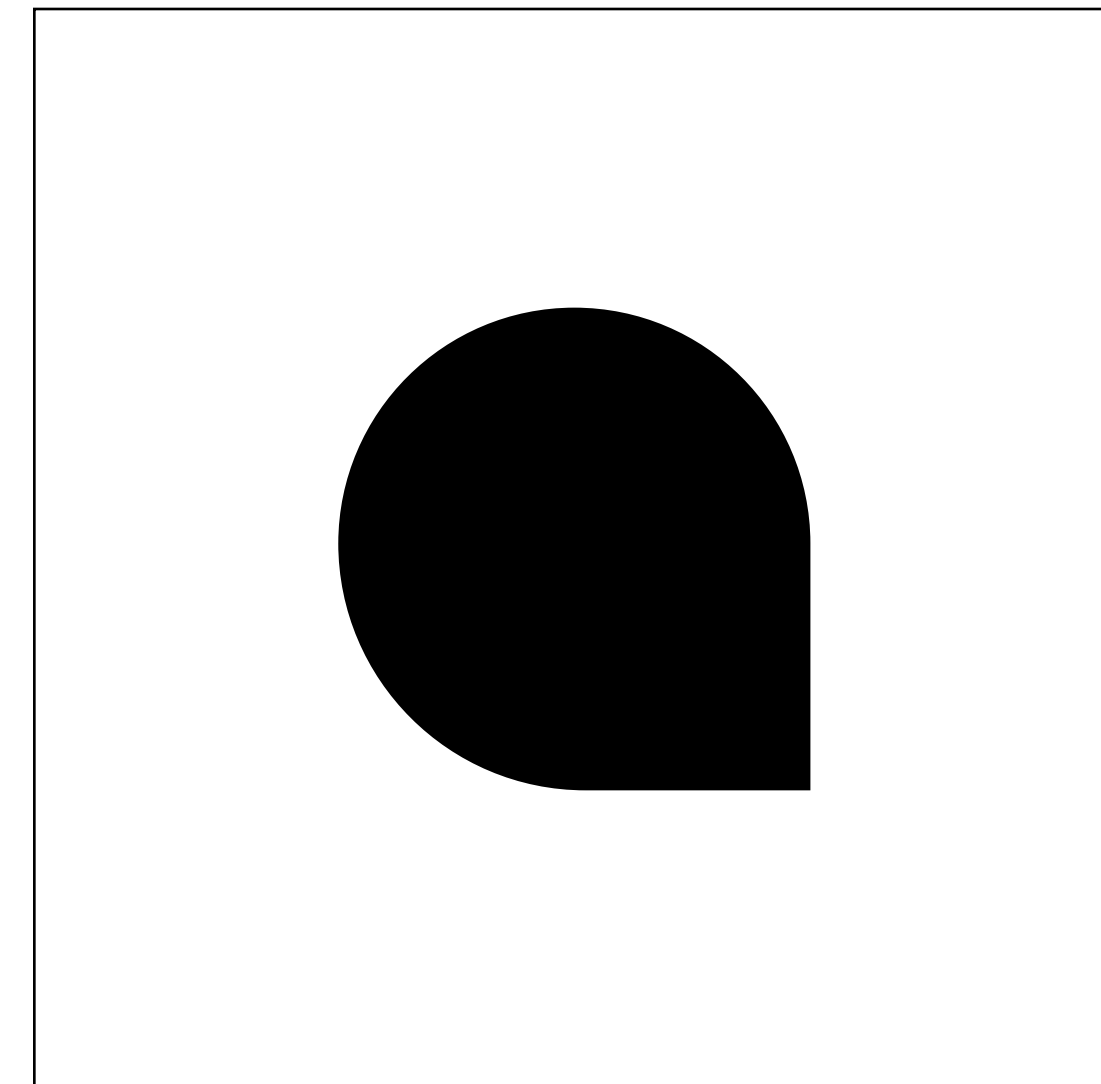
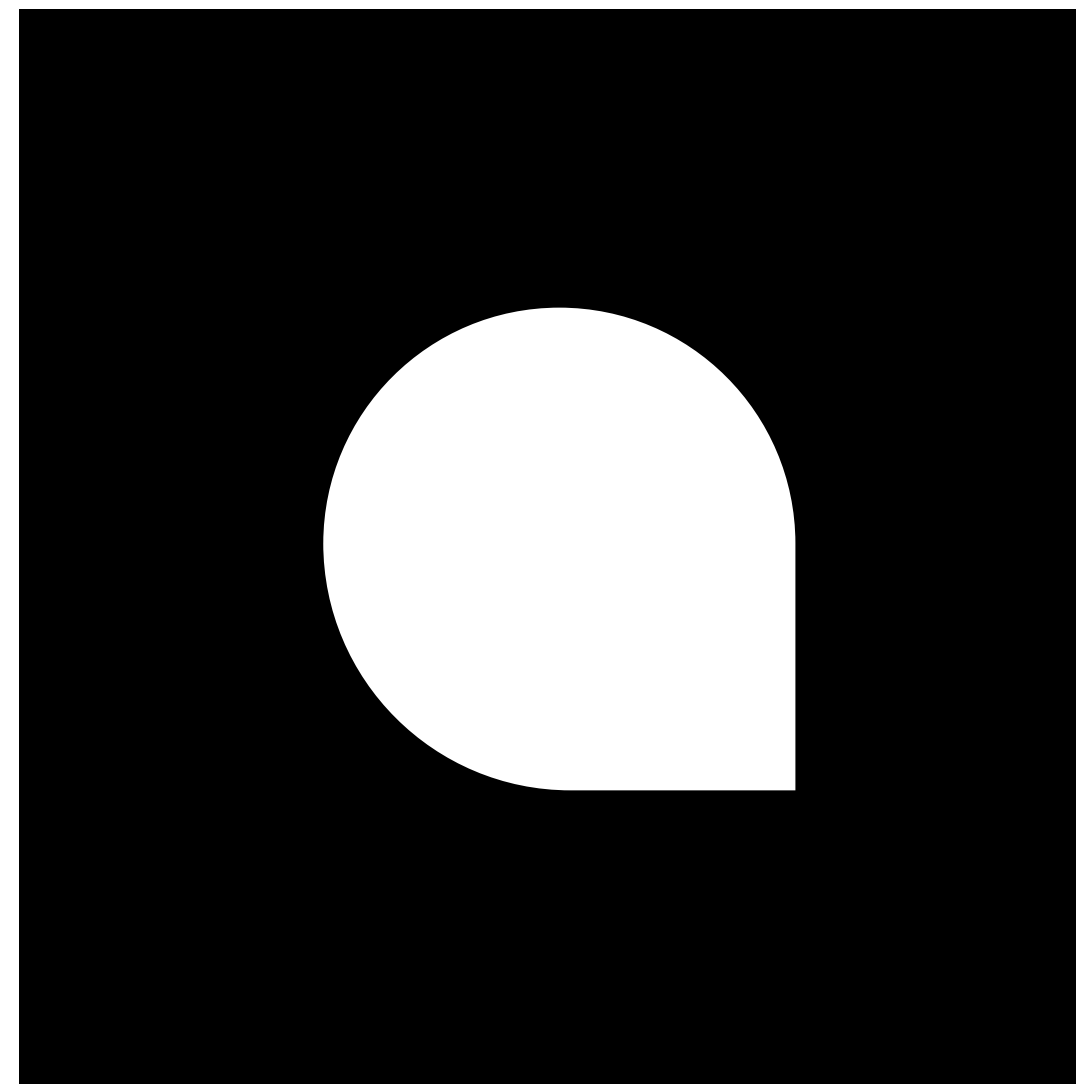
**Doqui**

# VERSÃO REDUZIDA

A versão reduzida é composta pelo elemento gráfico que compõe o “a” na leitura da marca, fazendo referência a um alfinete de geolocalização.

Esta versão deve ser utilizada apenas quando a assinatura está sendo apresentada de outra forma.

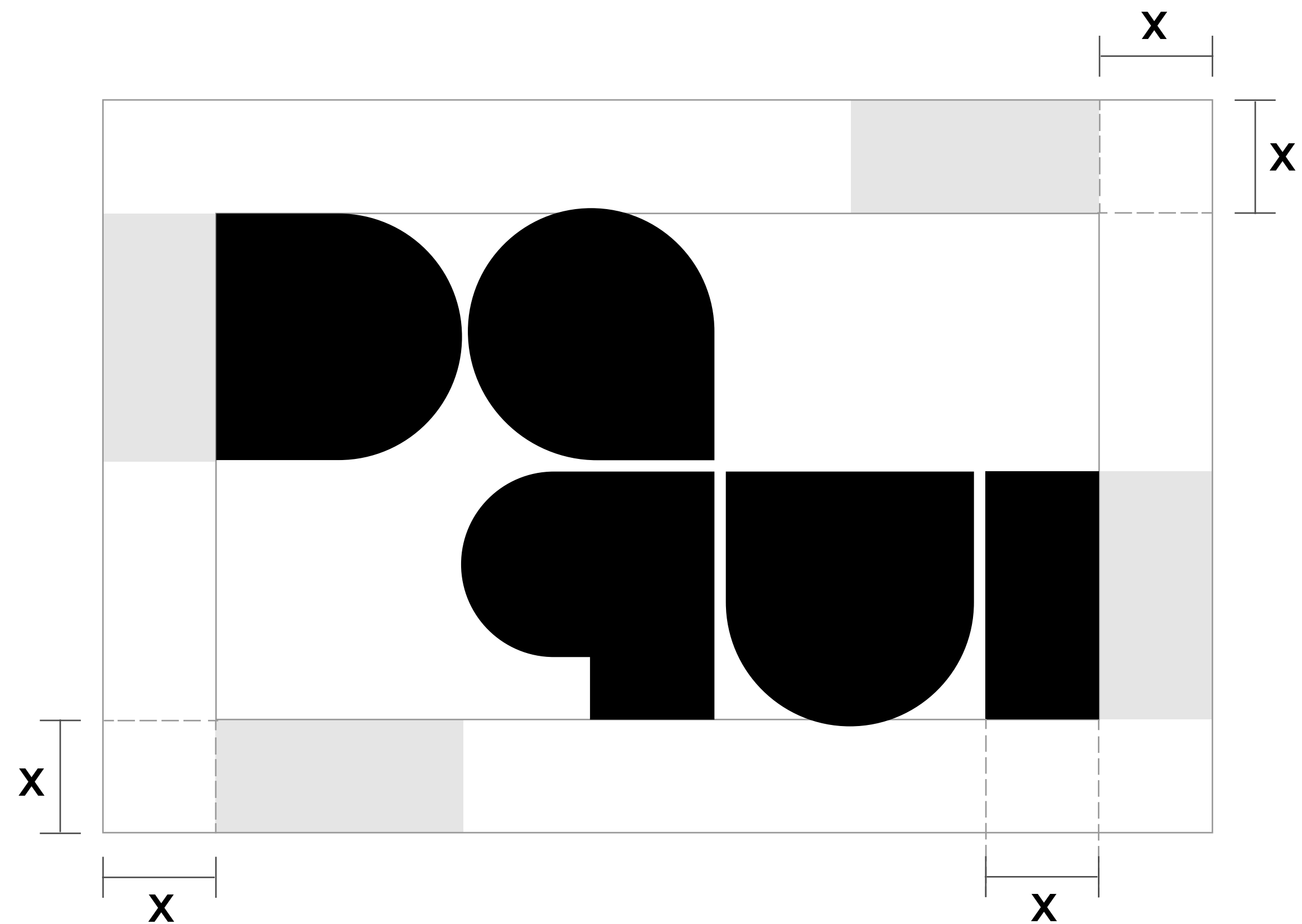
**Exemplo:** Avatares de redes sociais



# AREJAMENTO

Para garantir o impacto visual e a legibilidade do logotipo, é recomendado, para usos institucionais (tais como documentos oficiais de fins burocrático) resguardar uma área equivalente, no mínimo, à largura da letra 'i' ao redor.

Com exceção desses casos, é permitido e estimulado a experimentação gráfica para composição outras peças gráfica.



# ***DIMENSÕES MÍNIMAS***

Para assegurar a legibilidade do logotipo, devem ser respeitadas as dimensões mínimas de **13mm** de largura para veiculação em materiais gráficos.

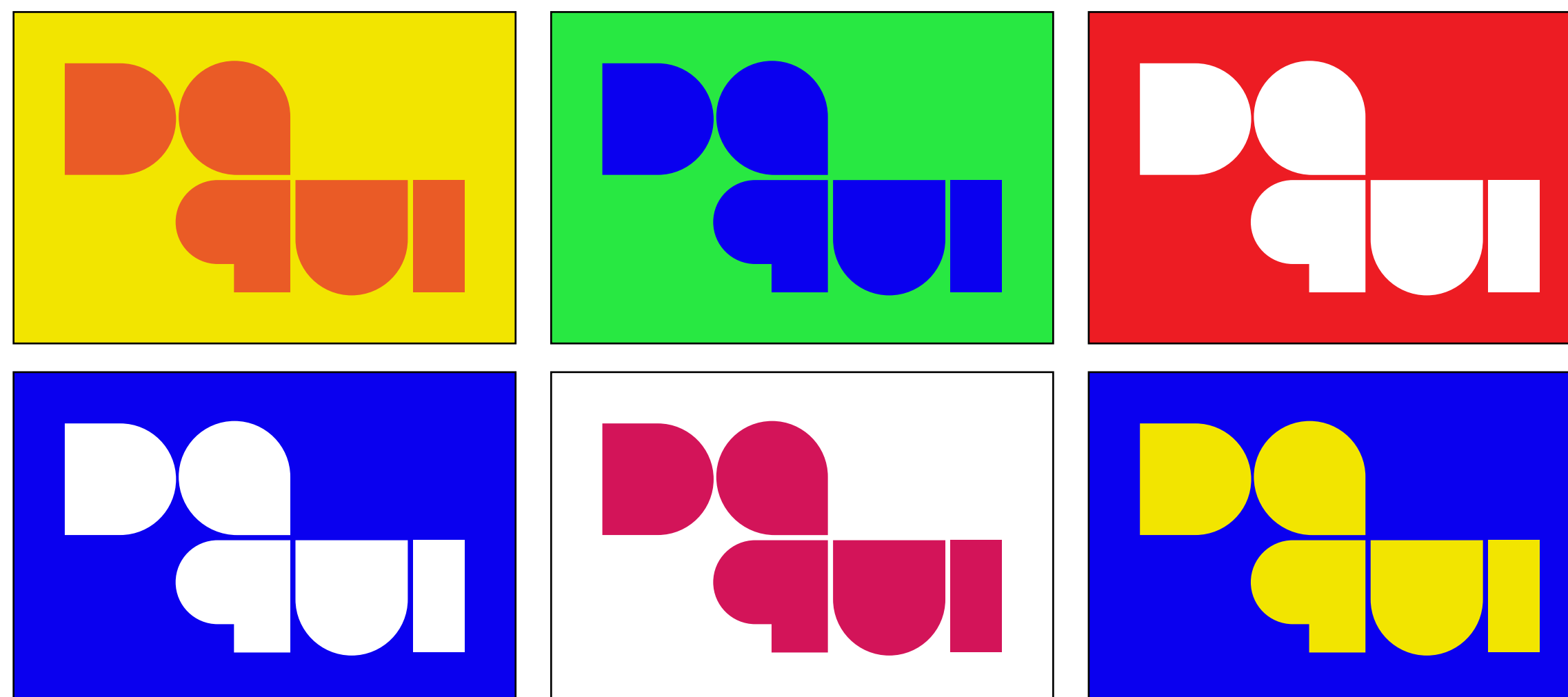
Esta regra pode ser flexibilizada no caso de utilização em outras mídias, como websites. Contudo, em quaisquer dos casos, é fundamental atentar para a perfeita visualização de todos os elementos do logotipo.





# USOS PERMITIDOS

É permitido e estimulado a experimentação e intervenções gráficas tais como aplicação de alteração de cores, aplicação de texturas, etc - desde que haja uniformidade e seja respeitado o contraste com fundo e a legibilidade do logo.



# ***PADRÕES TIPOGRÁFICOS***

Os arranjos tipográficos traduzem a miscigenação de culturas e referências na cidade, sobretudo nos subúrbios, harmonizando estilos modernos e vernacular na montagem de uma composição.

Eles podem ser feitos a partir das seguintes famílias tipográficas:

- **Oferta do Dia**, sendo esta indicada para títulos e chamadas;
- **Helvetica Extended Heavy**, para títulos e informações secundárias;
- **Helvetica Extended Medium**, para demais informações.

***OFERTA DO DIA***

**Helvetica Extended Heavy**

**Helvetica Extended Medium**

# TIPOGRAFIA ILUSTRATIVA

Além das famílias tipográficas selecionadas, também foi desenvolvido um **alfabeto ilustrativo**, considerando a composição de peças gráficas para sinalizar territorialidade, a exemplo, ilustrações sobre os bairros.



# PADRÕES CROMÁTICOS

Os padrões cromáticos de cada edição são definidos por bairro, buscando referências visuais da paisagem suburbana **daquele** território.

Idealmente, ele deve ser composto pela combinação de **duas cores, vibrantes, com distinção de contraste** que possibilite a legibilidade.

## Exemplos:

- **Méier**: laranja + amarelo  
(em referência ao Leão do Méier e demais monumentos do bairro)

- **Madureira**: verde + azul  
(em referência às cores dos G.R.E.S. Império Serrano e Portela)



R 200

R 230

G 114

G 191

B 29

B 100



R 234

R 255

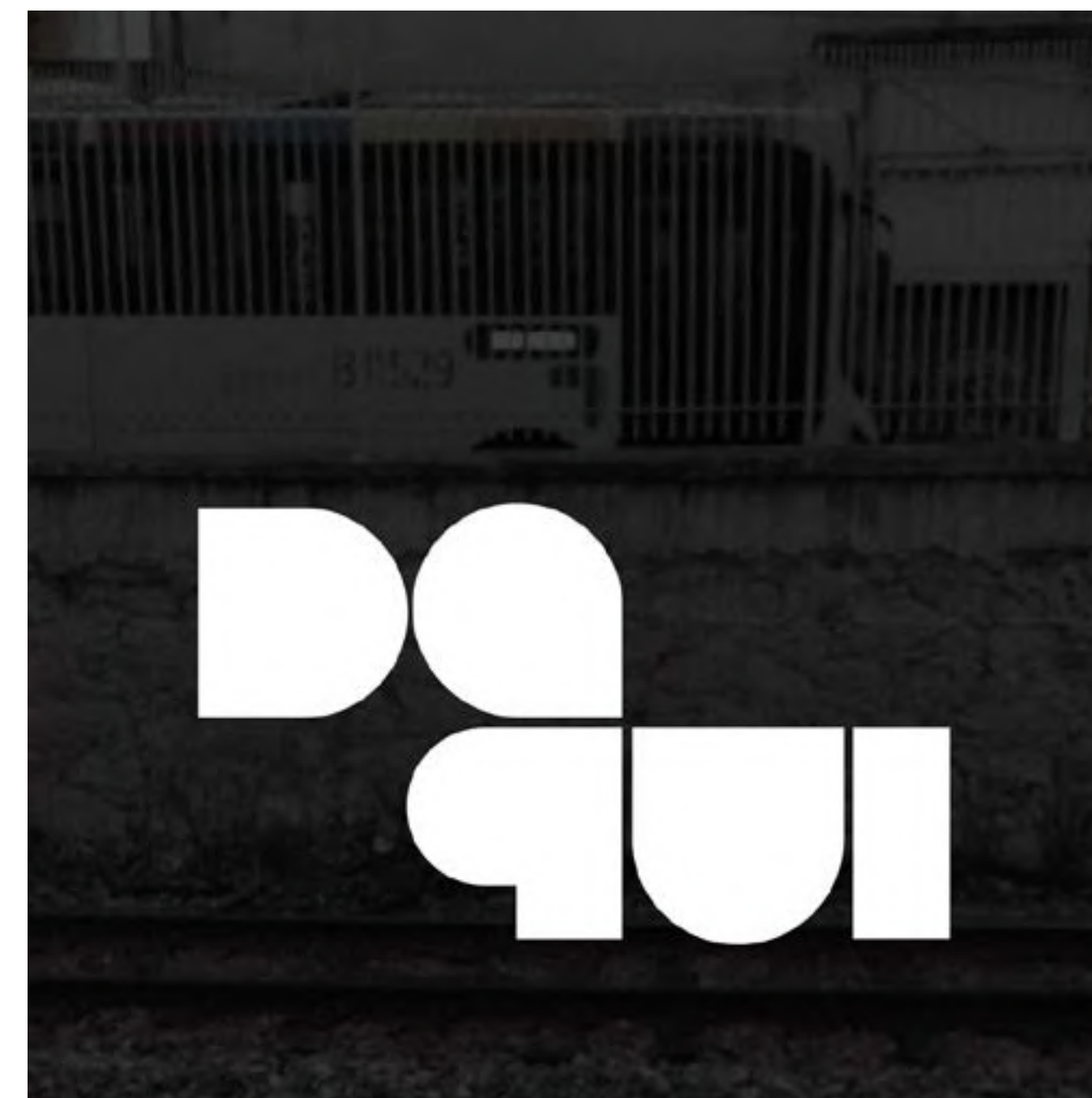
G 91

G 236

B 39

B 0

# APLICAÇÕES



# APLICAÇÕES



# APLICAÇÕES

